

# Jornal da Unicamp

Campinas, 31 de março a 6 de abril de 2003 – ANO XVII – Nº 208 – DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



## Os índios que ressurgiram no Nordeste

O antropólogo e fotógrafo Siloé Soares de Amorim descobriu cinco povos indígenas ressurgidos nos Estados de Alagoas e da Bahia. O pesquisador faz o inventário étnico das aldeias e registra, em três mil fotografias, os hábitos e os rituais de seus integrantes.

Página 12

## Nos tempos em que a Guerra Fria era o temor

Os temores da Guerra Fria estão nas pesquisas do Ibope dos anos 1950, época em que se discutia se as tropas brasileiras deveriam ou não integrar as forças da ONU que faziam frente ao comunismo, sobretudo na guerra da Coreia.

Página 9



## Livro traz balanço da biodiversidade

Livro inédito traz a síntese do que se conhece da biodiversidade do Brasil. O balanço, coordenado por Thomas Lewinsohn, do Instituto de Biologia (IB), subsidia programa nacional do Ministério de Meio Ambiente.

Página 11

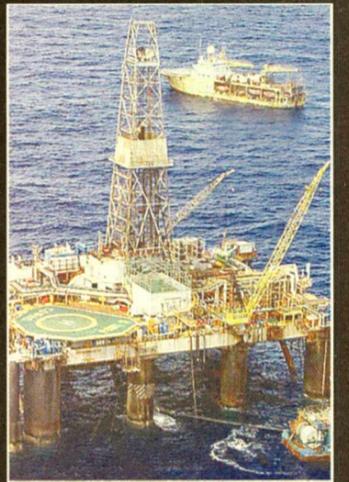
Foto: Jerome Dellay/API/AE

# Visões da guerra

Os pesquisadores Eliézer Rizzo de Oliveira e Geraldo Cavagnari, ambos do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp (NEE), abordam, nesta edição do Jornal da Unicamp, os desdobramentos da ofensiva militar da coalizão liderada pelos Estados Unidos e pela Inglaterra no Iraque. Para Eliézer Rizzo de Oliveira, trata-se de uma boa oportunidade para que a Defesa Nacional seja incluída na agenda da sociedade civil brasileira. Geraldo Cavagnari considera o conflito uma agressão e entende que haverá o recrudescimento do terror islâmico contra alvos americanos e israelenses. A médica Desanka Dragosavac, do HC da Unicamp, que sobreviveu ao fogo cruzado entre sérvios e croatas na década de 1990, relata suas experiências na Academia Militar Médica de Belgrado. "Fiquei chocada com a brutalidade humana".

Páginas 5 a 8

Foto: AE



## Petróleo mais barato e com menos risco

Duas pesquisas desenvolvidas por especialistas da Unicamp prometem otimizar a produção de petróleo no Brasil. O primeiro estudo deu origem a um simulador numérico capaz de promover a análise de risco de um empreendimento no setor, minimizando assim as possibilidades de prejuízos financeiros. O segundo gerou tecnologia que cria uma película de água no interior da tubulação. O método reduz drasticamente o atrito entre o óleo ultraviscoso e as paredes do duto, o que facilita o escoamento do produto.

Página 3

Cartas

Previdência 1

Belíssimo o *Jornal da Unicamp* 207/Previdência. Por fim vi algo concreto sobre o que vai rolar, na matéria com os líderes. Parabéns. Grande serviço aos docentes. Espero que o impresso chegue a todo mundo.

Professora Inês Joekes

Previdência 2

Li a matéria que vocês escreveram para a edição do *Jornal da Unicamp*, publicada na edição de março. O texto está objetivo e nos mostra um panorama do pensamento parlamentar sobre a questão da Previdência para os servidores públicos. O que me chama a atenção é o emprego do termo "servidores" apenas para se referir aos técnicos.

Na minha opinião somos todos servidores públicos! Tantos os docentes como os técnicos administrativos e de apoio ao ensino e pesquisa. Estamos tão acostumados com essa diferenciação, que pouco percebemos o quanto ela é danosa para a democracia, porque ela discrimina!

Tanto os docentes e pesquisadores, quanto os técnicos administrativos e de apoio ao ensino e pesquisa, estão preocupados com o futuro da Previdência Social desse país. É por isso que estão discutindo, juntos, em suas instâncias de representação, formas de manter seus direitos.

Celso Palermo, servidor técnico-administrativo

Contaminação

Venho com a presente prestar as minhas homenagens à linha editorial e qualidade informativa do *Jornal da Unicamp*, em especial à jornalista Wanda Jorge, autora da matéria "Chumbo contamina crianças no Ribeira", publicada no número 205, de 10 a 16 de março.

Provavelmente por falha nossa, deixou de ser enfatizado o caráter multidisciplinar da referida pesquisa da qual participaram, além dos entrevistados, também o professor Eduardo de Capitani (FCM/CCI-Unicamp) e as doutoras Mônica Paolielo (Universidade Estadual de Londrina) e Alice Sakuma (Instituto Adolfo Lutz). Agradecendo antecipadamente a publicação deste esclarecimento, cordialmente.

Professor Bernardino R. Figueiredo

CORREÇÕES

Previdência

Diferentemente do que foi publicado na edição número 207 do *Jornal da Unicamp*, o autor do artigo "Previdência, déficit público e direitos sociais: mitos e fatos", Milko Matijascic, é doutor pelo Instituto de Economia da Unicamp e atua como consultor de instituições internacionais como a AISS e a OIT, além de ter coordenado a pesquisa *Brasil: Globalização e proteção social*. Milko Matijascic não pertence ao Instituto de Economia da Unicamp.

Carro elétrico

A equipe de pesquisadores da Unicamp responsável pelo desenvolvimento do primeiro carro elétrico brasileiro movido a células a combustível, destacado na edição 205 do *Jornal da Unicamp*, com o título "Carro elétrico entra na reta final", é composta pelos seguintes integrantes: Ennio Peres da Silva, José Antenor Pomilo, Eduardo Gurgel do Amaral, João Carlos Camargo, Paula Duarte Araújo, Paulo Fabrício Palhavam Ferreira, Antonio José Marin, Neto (graduando em Física), Edison Luis Chrestan (técnico). Os pesquisadores participaram em fases distintas do projeto, iniciado em 1989, sob a coordenação do professor Ennio Peres da Silva.

Artigo

Cooperação com a América Latina

LUÍS CORTEZ

Dentro de sua política de cooperação internacional em ciência e tecnologia, a Unicamp tem obtido um importante retorno em suas iniciativas de cooperação com a América Latina. Podemos citar como alguns dos exemplos dessa bem-sucedida iniciativa o grande número de professores da Unicamp, nas diversas áreas de ensino, que são de origem latino-americana, mais notadamente da Argentina, além dos cerca de 300 dos nossos 375 alunos estrangeiros que vêm do continente latino.

Essa política de cooperação internacional, que vem sendo desenvolvida desde a fundação da Universidade, tem como finalidade aumentar a integração científica e tecnológica entre nossos países. Mesmo com esse passado positivo, é preciso buscarmos a intensificação da interação com nossos vizinhos. Uma política para incrementar o intercâmbio regional, notadamente na Argentina e no Chile, requer as seguintes ações:

- ▼ aumentar a visibilidade da Unicamp junto à comunidade científica nos países sul-americanos;
- ▼ estabelecer programas de cooperação no nível da pós-graduação;
- ▼ aumentar as oportunidades para argentinos e chilenos virem estudar e desenvolver pesquisa na Unicamp, ampliando da mesma forma as oportunidades para que os nossos professores e alunos completem seus estudos e suas pesquisas em colaboração com universidades de prestígio nesses países.

No campo da visibilidade foi realizada uma missão à Argentina e Chile em agosto passado com visita às universidades de Buenos Aires (UBA), de La Plata (UNLP), de Córdoba (UNC), e às universidades do Chile (UC) e de Santiago de Chile (USACH), onde foram apresentadas palestras sobre a Unicamp, nossas áreas de ensino e pesquisa e as oportunidades e programas de intercâmbio, principalmente da Capes, CNPq, Fapesp e OEA, além de reuniões com instituições de fomento para discussão de possíveis parcerias e novas oportunidades. Em todas as universidades citadas a receptividade foi sempre excelente e o interesse do público manifestado sempre através de muitas perguntas e agendas lotadas. Ficou claro a todos o grande interesse da Unicamp e do Brasil em ampliar e fortalecer as relações econômica, científica e tecnológica no continente latino-americano; a Unicamp, como centro de excelência em ensino e pesquisa, tem um importante papel na condução e liderança das discussões regionais sobre o tema.

Um importante produto da iniciativa de 2002 foi a aprovação de seis projetos de cooperação dentro do programa "Centros Associados" da Capes, envolvendo unidades da Unicamp e universidades argentinas: do nosso Instituto de Biologia com a Universidad de Córdoba, da Faculdade de Engenharia de Alimentos com a Universidad Nacional de Entre Ríos e de diferentes convênios dos Institutos de Física, Geociências e Química com a Universidad de Buenos Aires, e da Faculdade de Engenharia de Alimentos com a Universidad Nacional de Entre Ríos. Estes projetos permitirão o intercâmbio de professores e alunos de pós-graduação,



Ilustração: Félix

representando mais bolsas para alunos da Unicamp, mais recursos para mobilidade e novas perspectivas de pesquisas conjuntas.

Novos projetos serão sempre bem-vindos e nossa meta é termos pelo menos um projeto de cooperação internacional para cada programa de pós-graduação da Unicamp. As oportunidades da Capes para esse tipo de projeto são lançadas periodicamente e os programas de pós-graduação que ainda não contam com este tipo de colaboração tem sempre a oportunidade de participar (ver [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)). Outras ações estão em curso, como o apoio à iniciativa do IEL de promover o estudo da língua portuguesa e o exame de proficiência em língua portuguesa – CELP-Bras – para candidatos estrangeiros e junto a grupos de ensino de línguas das universidades latino-americanas.

Ainda com a UBA, a Unicamp, através de sua Incubadora de Empresas, a Incamp, elaborou e submeteu um projeto ao Programa Alfa da Comunidade Européia, no final de 2002, com o fim de promover suas empresas incubadas.

Para o Chile contamos com o Programa CNPq-Conicyt, para o qual estamos preparando um projeto de cooperação em biotecnologia envolvendo estudos conjuntos sobre o genoma humano e vege-

tal, processos industriais, e pós-colheita de frutas e hortaliças. A identificação do tema biotecnologia foi uma escolha do Conicyt, que considerou as potencialidades atuais e futuras para cooperação entre o Chile e a Unicamp.

No plano da cooperação em rede, trabalhamos para fortalecer as relações com a Associação das Universidades do Grupo de Montevidéu (AUGM). Estamos encorajando a participação da Unicamp em núcleos de pesquisa de interesse estratégico e ampliando nossa participação nos programas de intercâmbio acadêmico Escala Estudantil. Entre 10 e 15 de abril próximo estaremos sediando a 35ª reunião dos reitores da AUGM. No dia seguinte à reunião teremos a oportunidade de conhecer e discutir as políticas de C&T dos países envolvidos no Seminário "Políticas y estrategias en Ciencia y Tecnología en los países del Mercosul" através de um evento aberto ao público e que contará com a participação de professores, pesquisadores e autoridades governamentais de países da América do Sul.

Neste momento, início de abril, está em curso a realização de uma segunda missão à Argentina e ao Chile cujo objetivo é a assinatura por parte dos reitores da Unicamp e da UBA de um acordo de cooperação para implantar, já em 2003, uma

cátedra sobre o Brasil na UBA e outra cátedra sobre a Argentina na Unicamp. Todas as áreas do conhecimento (humanas, biomédicas, exatas e tecnológicas) participarão, em rodízio, desse programa de cátedras, viabilizado graças ao Convênio Unicamp-Grupo Santander/Banespa, que financiará sua implantação e manutenção, oferecendo bolsas e cobrindo as despesas de viagem dos participantes.

Em breve deveremos ter um novo programa de cátedras com a Espanha, atualmente em fase de análise e aprovação do projeto para financiamento e, possivelmente, em breve poderemos criar cátedras conjuntas com outros países ibero-americanos, dentro do mesmo convênio. Pretende-se que estes benefícios também sejam estendidos ao intercâmbio de alunos de graduação.

As oportunidades existem e podem ser aproveitadas. A Unicamp pode usar os programas existentes e utilizá-los como base para sua internacionalização. A busca de novas oportunidades e uma maior liderança regional deve ser um caminho natural a ser seguido por nossa universidade.

Luís Cortez é professor da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) e coordenador da Coordenadoria de Relações Internacionais (Cori) da Unicamp

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge. Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva. Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho. Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa. Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. Correspondência e sugestões Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. Fax (0xx19) 3788-5133. Homepage <http://www.unicamp.br/imprensa>. E-mail [imprensa@unicamp.br](mailto:imprensa@unicamp.br). Coordenador de imprensa Clayton Levy. Editor Álvaro Kassab. Redatores Antonio Roberto Fava, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. Fotografia Antoninho Perri, Neldo Cantanti e Dário Crispim. Edição de Arte Oséas de Magalhães. Diagramação Dário Mendes Crispim. Ilustração Félix. Arquivo Antonio Scarpinati. Serviços Técnicos Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. Impressão Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. Publicidade JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569. Assine o jornal on line: [www.unicamp.br/assineju](http://www.unicamp.br/assineju)

**Simulador numérico possibilita avaliação dos riscos do empreendimento****Ferramenta otimiza produção de petróleo****MANUEL ALVES FILHO**

manuel@reitoria.unicamp.br

Ferramenta desenvolvida por pesquisadores da Unicamp tem dado importante contribuição para a tomada de decisões na área de exploração de petróleo. Por meio de um simulador numérico, abastecido com dados geológicos, econômicos e tecnológicos, os cientistas conseguem promover a análise de risco de um empreendimento. Uma curva representando cenários pessimistas, moderados e otimistas aponta a probabilidade de o investimento obter ou não retorno financeiro. “Com o auxílio desse recurso, as decisões continuam oferecendo riscos, mas tornam-se mais técnicas. Eventualmente, é possível adquirir mais informações ou adiar a decisão baseada nos resultados obtidos”, afirma o coordenador do projeto, o professor Denis Schiozer, da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM).

De acordo com Schiozer, o objetivo dessa linha de pesquisa, iniciada em 1996 com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), é otimizar as estratégias de produção de petróleo. O docente da Unicamp lembra que após a descoberta de um campo petrolífero é preciso fazer a perfuração, de modo a verificar as propriedades do óleo e das rochas onde ele está armazenado. “Como a maioria dos reservatórios brasileiros está localizada no mar, a mais de 2 quilômetros de profundidade, muitas informações necessárias à tomada de decisão sobre a exploração do petróleo permanecem desconhecidas”, explica.

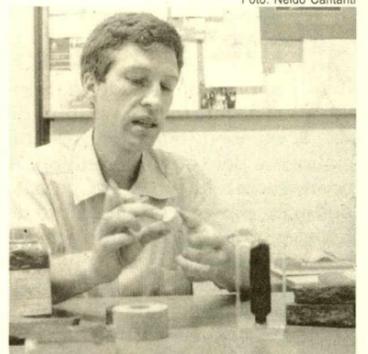
A missão da ferramenta desenvolvida pelos pesquisadores da Universidade é justamente trabalhar com os dados disponíveis e com as incertezas, de modo a modelar o comportamento dos reservatórios. Depois do cruzamento de diversas variáveis e de muitas simulações numéricas, os especialistas fazem a análise de risco do negócio. Assim, é possível estimar o volume da reserva (quantidade de combustível economicamente viável de ser extraída, índice com média em torno de 20% a 30% do total), os modelos de prospecção e o prazo para o retorno do investimento, entre outras projeções.

Conhecer as probabilidades do empreendimento virar é fundamental para o planejamento das diversas etapas que envolvem a exploração de petróleo. A construção de



Foto: AE

Foto: Neldo Cantanti



O professor Denis Schiozer: “As simulações podem indicar poços mais produtivos”

uma plataforma petrolífera, por exemplo, demanda vários anos, por conta do processo de licitação. Além disso, exige altíssimos investimentos. As iniciativas nessa área, portanto, não podem ser tomadas sem um suporte técnico, sob o risco de gerarem grandes prejuízos. De acordo com Schiozer, o simulador numérico também pode ser usado para flexibilizar as decisões.

Os cenários criados pela ferramenta podem “recomendar” o adiamento da exploração ou até mesmo “sugerir” que o projeto seja executado em etapas. “Normalmente, num campo de petróleo são perfurados vários poços. As simulações podem indicar quais são potencialmente mais produtivos e quais devem começar a operar primeiro, de modo a antecipar receitas”, revela.

A ferramenta pode ajudar, ainda, a orientar o momento em que um campo petrolífero deve ser abandonado. Isso normalmente ocorre quando a produção é pequena. Acontece, porém, que o preço do barril de petróleo pode sofrer uma grande alta após o encerramento das operações, por conta de vários fatores. Nesse caso, o que era economicamente inviável passa a ser interessante. Com base nas simulações numéricas, uma resolução desse tipo pode ser tomada com fundamento técnico, minimizando assim as possibilidades de prejuízos.

Cerca de 30 especialistas, entre professores, pesquisadores e pós-graduandos, estão trabalhando na linha de pesquisa, que conta atualmente com financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep/CTPetro), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/CTPetro) e Petrobras. O aporte de recursos gira em torno de R\$ 400 mil ao ano. Estão envolvidos nos estudos a FEM, o Centro de Estudos do Petróleo (Cepetro) e o Instituto de Geociências.

**Tecnologia facilita escoamento e aumenta vazão do óleo**

Foto: Antoninho Perri



O coordenador do projeto, professor Antonio Carlos Bannwart: resultados promissores

Tecnologia inovadora nas áreas de produção e transporte de petróleo ultraviscoso está sendo aperfeiçoada por pesquisadores da Unicamp. O método consiste em criar uma película de água dentro da tubulação, de modo a reduzir drasticamente o atrito entre o combustível e as paredes do duto. Além de facilitar o escoamento, a técnica proporciona economia da energia usada no bombeamento do óleo. Atualmente, os especialistas estão adicionando gás à água e ao petróleo, reproduzindo o que acontece em situação real, num campo petrolífero. Os resultados dos testes, conforme o coordenador do projeto, professor Antonio Carlos Bannwart, da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM), têm sido muito animadores.

Os especialistas da Unicamp estão trabalhando na pesquisa desde 1998. A fase atual, que compreende a adição de gás (ar, no caso dos experimentos laboratoriais; e gás natural, em situação real) ao processo, teve início em setembro do ano passado. No final de novembro de 2002, a tec-

nologia foi testada pela Petrobras em um reservatório localizado em terra, no Espírito Santo. De acordo com Bannwart, a técnica mostrou-se muito eficiente. “A vazão de petróleo foi pelo menos sete vezes maior do que o normal. Nós recebemos muitos elogios por parte da empresa”, conta. O professor explica que existe uma pressão natural nos campos de petróleo, mas que não é suficiente para levar o óleo à superfície. Para completar o trabalho de escoamento, são usadas bombas.

Esse modelo de produção só consegue extrair, porém, o óleo leve e de densidade média. O petróleo ultraviscoso – conhecido como óleo pesado – permanece no reservatório, pois ainda não há tecnologia disponível para fazê-lo escoar pelos dutos. O método desenvolvido pelos pesquisadores da Unicamp deve promover alterações nesse cenário. O objetivo é extrair também o combustível mais pesado, contribuindo assim para a auto-suficiência energética do país. Atualmente, o Brasil gera cerca de 80% do petróleo que consome. Bann-

wart afirma que a água utilizada no processo pode ser do próprio reservatório petrolífero ou proveniente do mar. Após tratamento para eliminação de resíduos, ela pode ser reempregada na produção.

O professor da FEM adianta que a tecnologia deverá passar por novos testes de campo ainda este ano. A expectativa é que ela esteja sendo empregada de forma definitiva nos campos petrolíferos brasileiros dentro de dois anos e meio. A pesquisa coordenada pelo docente da Unicamp já gerou um pedido de patente, depositado no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). Participam ou participaram do projeto três professores e oito pós-graduandos, vinculados à própria FEM, Centro de Estudos do Petróleo (Cepetro), Instituto de Química (IQ) e Faculdade de Engenharia Química (FEQ). Nos quase quatro anos de trabalho, foram consumidos R\$ 750 mil em investimentos, provenientes da Petrobras e da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). (M.A.F.)

**Economista acredita na manutenção dos direitos adquiridos e considera regime único inviável**

# Belluzzo defende ajustes na Previdência

MANUEL ALVES FILHO  
manuel@reitoria.unicamp.br

A reforma da Previdência Social deverá ter uma amplitude menor do que a projetada inicialmente pelo governo federal. A previsão foi feita por Luiz Gonzaga Belluzzo, professor do Instituto de Economia (IE) da Unicamp e membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, órgão assessor da Presidência da República. Belluzzo abriu, no último dia 26 de março, o Ciclo de Debates sobre Previdência Social, promovido pela Associação dos Docentes da Unicamp (Adunicamp).

**Economista propõe previdência suplementar pública**

De acordo com ele, algumas questões que estão sendo discutidas pela sociedade não deverão sofrer alterações. Uma delas refere-se ao direito adquirido dos trabalhadores

em vias de pedir aposentadoria. "Quem já cumpriu o tempo de serviço necessário ou atingiu o limite de idade não será afetado pelas eventuais mudanças. Isso é ponto pacífico", afirmou. Durante o evento, Belluzzo defendeu a necessidade de ajustes no sistema previdenciário, mas assinalou que eles devem vir apenas para corrigir as distorções existentes.

O docente da Unicamp considerou inaceitável, por exemplo, que a Previdência preserve dispositivos que permitam o pagamento de pensões da ordem de R\$ 18 mil. Belluzzo mostrou-se favorável a um sistema que classificou de "solidário", por meio do qual fique garantido o pagamento de benefícios dignos aos aposentados e pensionistas. Nesse caso, o professor afirmou concordar com a taxação dos inativos. "Temos que universalizar tanto os direitos quanto os deveres", ponderou.

Belluzzo destacou, porém, que é inviável estabelecer um regime único



O professor Luiz Gonzaga Belluzzo: "Deveres também devem ser universalizados"

para a Previdência, situação que não ocorre em lugar nenhum do mundo, de acordo com ele. O especialista disse que é natural a existência de regimes especiais, de modo a dar segurança às "funções de Estado", como a magis-

tratura. "É preciso dar garantias a essas funções, para o bem do exercício das mesmas. Eu não gostaria de ter uma ação julgada por um juiz que não tem certeza se terá ou não uma aposentadoria decente. Não se trata de con-

ceder privilégios, mas sim levar em conta certas especificidades da carreira", explicou.

O membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social propôs que seja criado um modelo de



previdência suplementar pública. A participação nesse sistema, segundo Belluzzo, deveria ser voluntária e não obrigatória. O fundo para pagamento de aposentadorias e pensões seria formado pelas contribuições e, como ocorre em alguns países, pela emissão de títulos públicos especiais. Nos Estados Unidos, por exemplo, esses papéis asseguram uma rentabilidade real de cerca de 5% ao ano.

As discussões em torno da reforma previdenciária têm mobilizado toda a sociedade, em especial os servidores públicos, caso de docentes e funcionários da Unicamp. Na edição que circulou entre os dias 24 e 30 de outubro, o **Jornal da Unicamp** abordou o assunto, ouvindo líderes de bancadas e membros da comissão que conduzirá as discussões na Casa. De maneira geral, os parlamentares demonstraram consenso em relação à necessidade de promover mudanças no sistema previdenciário, embora o mesmo não ocorra quanto aos detalhes dessa reforma. Um ponto, porém, parece unir a maioria dos deputados. Segundo eles, os direitos adquiridos deverão ser respeitados.

O Ciclo de Debates sobre a Previdência Social promovido pela Adunicamp prossegue nos dias 2, 3, 8, 10, 22 e 24 de abril, sempre a partir das 12h, no auditório da entidade. Participarão do evento Riccardo Belliofiore (Unioversità degli Studi di Bergamo/Itália), Julio César Vergara (Universidade de Buenos Aires), Dércio Garcia Munhoz (Universidade de Brasília), Mário Luiz Alves (Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior) e Paul Singer (Universidade de São Paulo). A entrada é franca e não exige inscrição prévia. Outras informações podem ser obtidas na home page da entidade ([www.adunicamp.org.br](http://www.adunicamp.org.br)) ou pelos telefones (19) 3788-2470 e 3788-2472.

## Unicamp investe na escolarização de servidores

A Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac) está promovendo, por meio da Agência para a Formação Profissional da Unicamp (AFPUP), levantamento para identificar os servidores que não tiveram a oportunidade de estudar ou deixaram a escola antes da conclusão do ensino médio (antigo colegial). O objetivo é encaminhar os interessados aos programas de escolarização disponíveis na Universidade. De acordo com o diretor da AFPUP, professor José Luiz Pereira, foram enviados formulários às cerca de 90 unidades e órgãos da Unicamp. Os primeiros dados começaram a chegar. "Assim que tivermos todas as informações em mãos, nós saberemos qual o universo que teremos que atingir. Em seguida, iniciaremos o planejamento das atividades e a formação das turmas. Por isso é importante que as unidades e órgãos devolvam os formulários o mais rápido possível" explica.

**Devolução rápida de formulários é importante**

O diretor da AFPUP afirma que a expectativa é que esses servidores já estejam freqüentando as aulas a partir do segundo semestre deste ano. Atualmente, conforme o professor José Luiz Pereira, a Unicamp disponibiliza três diferentes programas de escolarização aos seus funcionários. Um deles é o Programa de Alfabetização Solidária (PAS), que como o próprio nome diz é dirigido a pessoas que não dominam a escrita e nem a leitura. Há também os cursos oferecidos pelo Centro Estadual de Educação Supletiva (CEES), projeto que resulta de uma parceria entre a Universidade e a Secretaria de Esta-



Curso promovido pela AFPUP: oportunidade para aqueles que não tiveram oportunidade de estudar ou deixaram a escola prematuramente

do da Educação. Nele, os funcionários podem cursar desde o ensino fundamental (1ª à 8ª série) até o ensino médio (1º ao 3º colegial).

Por fim, existe o supletivo ministrado nas telessalas da área da saúde, onde os servidores também cursam o ensino fundamental. Nesse

caso, as aulas são dadas por funcionários da Unicamp com formação superior, que atuam como voluntários. Alguns deles, conforme o dire-

tor da AFPUP, são professores nas redes públicas de ensino. As turmas são formadas por 25 ou 30 alunos, e as aulas ocorrem em três horários diferentes, como forma de permitir a participação do maior número de pessoas possível (das 12h às 14h, das 15h às 17h e das 17h às 19h).

Segundo o diretor da AFPUP, esses programas de escolarização sempre tiveram bons resultados, mas eram conduzidos isoladamente. Agora, informa o professor José Luiz Pereira, eles ficarão sob a coordenação da Agência. "Anteriormente, a AFPUP não se envolvia nas atividades ligadas ao ensino formal. Acontece, porém, que a conclusão dos ensinamentos fundamental e médio faz parte da formação profissional dos nossos servidores. Atualmente, para uma pessoa ingressar no quadro funcional da Universidade, ela precisa ter pelo menos o ensino médio completo", esclarece.

Além de contribuir para uma eventual ascensão profissional, a participação nos programas de escolarização também constitui instrumento de resgate da cidadania. "Isso sem falar na elevação da auto-estima do servidor", afirma o diretor da AFPUP. De acordo com ele, o esforço para valorizar os funcionários da Unicamp é um dos itens do programa da chapa encabeçada pelo então candidato à Reitoria, Carlos Henrique de Brito Cruz. "A atual Administração tem demonstrado vontade política para oferecer soluções aos problemas enfrentados nessa área", sustenta. Outras informações sobre os programas de escolarização disponibilizados pela Universidade podem ser encontrados na home page da AFPUP, no endereço [www.afpu.unicamp.br](http://www.afpu.unicamp.br). (M.A.F.)

**Professor do IFCH lembra que o Brasil, distante do conflito, precisa pensar na defesa nacional**

# O Brasil diante da guerra contra o Iraque

**ELIÉZER RIZZO DE OLIVEIRA**  
*eliezer\_rizzo@uol.com.br*

A guerra dos Estados Unidos e aliados contra o Iraque deve ser analisada com toda a atenção pelo sistema político e pelo povo do Brasil. Porque temos uma experiência muito distante da guerra, pouca atenção temos dado à Defesa Nacional. É hora de mudarmos de atitude. Pois, se a guerra nos chega através da TV – e passamos a ter opiniões sobre objetivos, estratégia, armas, equipamentos, manobras, etc. – convém aproveitarmos esta situação para incluímos a Defesa Nacional na agenda da sociedade civil, já que ela diz respeito aos nossos interesses essenciais enquanto nação, hoje e no futuro.

Sem a ONU, os Estados Unidos vão à guerra contra o Iraque na condição de única superpotência de âmbito mundial. Em sua decisão imperial, respondem apenas a si mesmos. O presidente George W. Bush definiu os objetivos da guerra: “desarmar o Iraque, libertar sua população e defender o mundo de um grave perigo”. Para tanto, será preciso libertar este país e substituir o regime de Saddam Hussein. Assim, se não conseguir realizar estes objetivos, não terá conseguido a vitória.

**“Em sua decisão imperial, os EUA respondem apenas a si mesmos”**

Numa conferência para veteranos de guerra, Paul Wolfowitz (sub-secretário de Defesa) justificou a guerra preventiva mediante uma comparação do regime iraquiano com o nazismo. Este, porque não foi destruído antes de constituir-se plenamente, levou o mundo à catástrofe da II Guerra Mundial. Destruir o regime de Saddam Hussein e destruir as suas armas, para que não venham a cair em mãos do terrorismo internacional, este é o objetivo central desta guerra.

Os atentados de 11 de setembro motivaram a radicalização de alguns conceitos da segurança nacional dos Estados Unidos. O terrorismo já era concebido como o principal desafio. Agora, deve ser destruído em qualquer hipótese. Segundo a Estratégia de Segurança Nacional (Doutrina Bush), os Estados Unidos reservam-se o direito de atacar, de modo preventivo, todo e qualquer país que represente perigo para a sua segurança. Não se trata do direito de resposta, consagrado no Direito Internacional, mas do direito de empregar a força unilateralmente, se for o caso, a despeito da ONU.

A justificativa jurídica dos Estados Unidos para empreenderem a guerra em curso funda-se na Constituição americana e nas resoluções da ONU acerca do desarmamento do Iraque. Em especial, a de número 1141, que concede a este país “uma última oportunidade de cumprir suas obrigações em matéria de desarme”, ao mesmo tempo em que reforça o regime de inspeções. Dado que a França e a Rússia anteciparam seu voto contrário ao emprego da força, os Estados Unidos não recorreram ao Conselho de Segurança para a decisão final. Ora, nenhuma resolução determinara a mudança de regime político do Iraque, apesar de a democracia ser preferível à ditadura e ao despotismo.

**“A democracia pressupõe uma cultura laica, a dissociação entre religião e Estado”**

O terrorismo é danoso e condenável em todos os sentidos. Até porque provoca efeitos perversos no plano político. Países que o enfrentaram, tenderam a adotar práticas terroristas, gerando o terrorismo de Estado; correlatamente, grupos terroristas (de esquerda e de direita) que adotaram a luta armada copiaram o militarismo que combatiam. Os Estados Unidos estimularam esta tendência, bastando lembrar seu apoio às ditaduras na América do Sul durante a Guerra Fria. Outro tipo de terror se verifica no ataque ao Iraque, em razão da disparidade (assimetria) da capacidade bélica dos países em conflito.

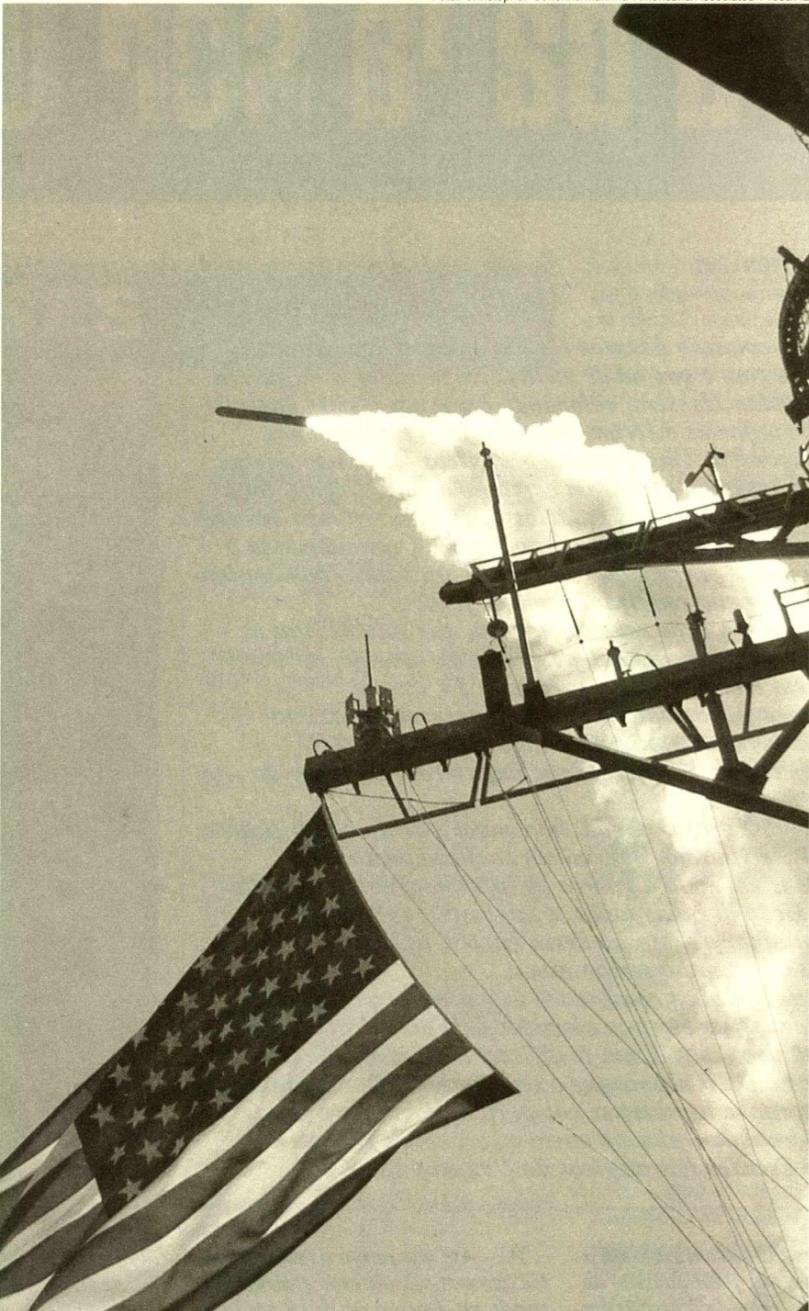
Bush pretende implantar uma democracia pós-Saddam. Mas o funcionamento e a estabilidade deste regime estranho à cultura islâmica é tão pouco provável quanto a implantação de um regime de base religiosa nos principais países ocidentais. Por quê? Porque a democracia

Foto: Tahar Abed Al-Adim/Associated Press/AE



Mulheres iraquianas gritam frases contra os EUA em Yousifiya, ao sul de Bagdá: americanos são vistos como cristãos imperialistas que agridem muçulmanos

Foto: Christopher Senenko/Marinha Americana/Associated Press/AE



Míssil Tomahawk é lançado pelo destróier USS Porter rumo ao Iraque: EUA estimularam terrorismo

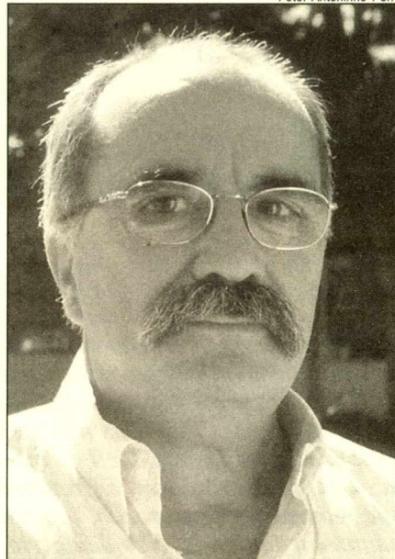
pressupõe uma cultura laica, a dissociação entre religião e Estado, uma sociedade civil ativa, a renovação do poder cuja legitimidade se estabelece e se renova nas manifestações livres da cidadania. O mais provável é que tal regime abra as portas ao islamismo religioso radical,

hoje contido pelo regime iraquiano, além de a uma previsível onda de terrorismo antiamericano.

Bush não deve compreender as razões que motivam os iraquianos a não receber os invasores de braços abertos. Ao contrário, são vistos como cristãos imperia-



Foto: Antoninho Perri

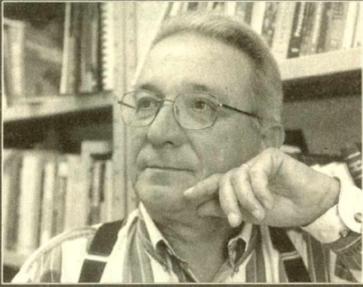


Eliézer Rizzo de Oliveira é membro do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp e pesquisador CNPq-FAPESP.

listas que agridem muçulmanos em sua própria terra. Resistências às mudanças são previsíveis; quanto ao mais, o pós-guerra do Iraque é imprevisível. A guerra não está ocorrendo apenas por razões econômicas, mas porque o governo americano aplica sua visão do pós-guerra fria sobre a proteção do seu território e a ordem internacional, em cuja hierarquia de poder os Estados Unidos ocupam o indisputado e incontestável primeiro lugar.

O Brasil tem reafirmado o primado da lei internacional, a valorização da ONU e o emprego da força como último recurso, desde que legitimado pela ONU. Esta posição se identifica com a adotada pela França, Alemanha e Rússia (Declaração conjunta de 15.03.2003). No entanto, os limites da ação destes três países são claros, em termos econômicos e militares. Com muito menos poder, o Brasil precisa estar atuante, até para impedir que a convivência pluralista que nos caracteriza seja contaminada por um “choque de civilizações” de que não poderá escapar a presente guerra.

Um alerta deve ser reconhecido pelo Brasil, seu governo e sua sociedade civil. Nenhum país estará isento de riscos em razão da Doutrina Bush. Não em razão do terrorismo (que não praticamos), nem das armas nucleares (que escolhemos não ter), mas da possibilidade do desenvolvimento de um perfil estratégico próprio, que levará décadas para configurar-se.



O pesquisador Geraldo Cavagnari: recrudescimento do terrorismo islâmico

## Para Cavagnari, conflito é ato de agressão e não haverá rompimento entre Estados Unidos e a ONU



Soldado britânico vigia prisioneiro iraquiano capturado em Basra, palco de uma das mais sangrentas batalhas em território iraquiano

# Era para ser uma ação c

CLAYTON LEVY

clayton@reitoria.unicamp.br

**E**ra para ser uma operação fulminante. A coalizão Estados Unidos e Inglaterra, formada por exércitos bem-alimentados e providos com o que há de melhor em tecnologia de guerra, invadiria o Iraque e deporiam o ditador Saddam Hussein, colocando fim a um regime baseado no terrorismo. Mas as coisas não saíram conforme o script. Primeiro foi a recepção dos iraquianos do sul, bem menos dócil do que o esperado. Americanos e britânicos, que imaginavam ser recebidos como libertadores, enfrentaram resistência e abriram caminho à bala. Depois, foi a tentativa de “decapitar” o governo, lançando mísseis sobre os palácios onde se acreditava estarem os comandantes iraquianos. Não deu certo. Saddam apareceu logo depois, na TV, conclamando o povo a lutar. Em seguida, veio a operação “choque e pavor”, que através de um pesado bombardeio pretendia intimidar as tropas iraquianas e acelerar sua rendição. Também falhou.

Além de não botar medo nos soldados iraquianos, a ação revoltou o povo, que saiu às ruas de arma em punho e pronto para a luta. Irritados com a propaganda de guerra do inimigo, os comandantes da coalizão ainda despejaram uma bomba sobre o prédio da TV estatal iraquiana. Não adiantou. A emissora interrompeu a momentaneamente a programação, mas voltou ao ar poucas horas depois, entoando versos do Alcorão. Isso tudo sem falar nas tempestades de areia, “fogo amigo” e acidentes com helicópteros, que impuseram às tropas da coalizão um número de baixas bem maior que o esperado.

Claro que do lado iraquiano a situação também é grave. Bagdá, tida como o berço da civilização, está destruída. Falta água e comida nas cidades e vilarejos por onde a coalizão passou. Os hospitais estão abarrotados de vítimas civis. Mas em meio à guerra de informações que a mídia vem travando, com indícios claros de manipulação dos dois lados, é impossível saber, por enquanto, o tamanho exato da tragédia. Seja qual for o desfecho dessa guerra, os seus desdobramentos políticos deverão prolongar-se por muito tempo ainda.

Mesmo com um cessar fogo imediato, a opinião pública continuará buscando respostas para inúmeras perguntas. Esta guerra tem legitimidade? Os motivos alegados pelo presidente dos EUA, George W. Bush, e pelo primeiro ministro britânico, Tony Blair, justificam a invasão? Qual a importância do petróleo nessa briga? Como fica a ONU depois que o seu Conselho de Segurança foi atropelado pela coalizão? E a União Européia, rachada, como se comportará daqui para frente? Para responder a estas e outras perguntas, o Jornal da Unicamp ouviu o coronel da reserva e pesquisador Geraldo Cavagnari, do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp (NEE).

**Jornal da Unicamp** – Essa guerra tem legitimidade, uma vez que os Estados Unidos e Inglaterra não conseguiram apoio da ONU para atacar o Iraque?

**Cavagnari** – Não. É um ato ilícito e de agressão – ou seja, uma guerra ilegal.

**JU** – Os argumentos usados pelo presidente George W. Bush, de que é

preciso desarmar Saddam Hussein a qualquer custo, por uma questão de “autodefesa antecipada”, justificam a invasão do Iraque?

**Cavagnari** – Não. Na ausência de uma autorização do Conselho de Segurança, nenhum Estado pode recorrer à força contra um outro Estado, salvo em caso de legítima defesa ou em resposta a um ataque armado, o que não é o caso atual.

**JU** – Até que ponto o interesse pelos campos petrolíferos estariam pesando na decisão de Bush em invadir o Iraque?

**Cavagnari** – O petróleo é o “calcanhar de Aquiles” da economia americana. Os Estados Unidos importam 60% do que consomem e a maior parte vem do Golfo Pérsico, onde estão concentrados 65% das reservas mundiais. Para os EUA, a garantia do suprimen-



Soldado carrega criança ferida durante combate realizado em Al Faysaliyah

Warren Zinn/Army Times/API/AE



Moradores de Bagdá observam mercado destruído após bombardeios que deixaram pelo menos 15 mortos na última quarta-feira

# irúrgica. O script saiu errado?

## FRASES

*“Eu não tenho idéia do que algum país possa propor, mas não vai haver um cessar-fogo”.*

√ Donald Rumsfeld, secretário de Defesa dos Estados Unidos, no dia 27 de março, ao falar no Comitê de Aprovação do Senado dos Estados Unidos.

*“Alguma hora a guerra vai acabar. E vai acabar na hora que o regime iraquiano não existir”.*

Idem.

*“Os mísseis estão atingindo alvos militares vitais com precisão letal”.*

√ George W. Bush, em discurso no quartel general do Comando Central, em Tampa, EUA, no dia 26 de março.

*“Olhe! Isso é um alvo militar?”*

√ Ahmed Abdul-Jabbar, 27, apontando para o que havia sobrado da casa dele, destruída nas explosões do dia 26 de março, quando um mercado em Bagdá foi atingido por mísseis.

*“Bush quer promover uma mudança de regime no Iraque. Mas por que ele ataca os civis? Isso é imperdoável”.*

Idem.

*“Foi um horror, o horror em pessoa. Estávamos tomando café da manhã quando os mísseis caíram. As pessoas começaram a correr em círculo, algumas estavam histéricas. Alguns perderam os braços, outros, as pernas. Bush é um bárbaro. Não sabe nada de civilização”.*

√ Hamdiya Ahmed, 35, professora que perdeu a mãe no bombardeio ao mercado de Bagdá.

*“Esta não será uma campanha de meias medidas, e nós não aceitaremos nada menos do que a vitória”.*

√ George W. Bush, presidente dos EUA, em pronunciamento pela TV, um dia antes de as tropas da coalizão invadirem o Iraque.

*“Saquem suas espadas, não temos medo”.*

√ Saddam Hussein, presidente do Iraque, em pronunciamento pela TV, um dia antes da invasão.

*“Não é uma questão de tempo, é uma questão de vitória”.*

√ George W. Bush, presidente dos EUA, dia 27 de março.

*“O Iraque vai ser desarmado de suas armas de destruição em massa. E o povo iraquiano vai ser livre. Esse é o nosso compromisso. Essa é nossa determinação”.*

√ Tony Blair, primeiro ministro britânico, no mesmo dia.

*“No início do conflito, houve informações de que haviam lançado mísseis Scud, as quais depois foram retiradas. Ainda não se ouviu nenhuma afirmação de que existem mísseis proibidos”.*

√ Hans Blix, diretor dos inspetores que procuraram armas proibidas no Iraque, antes do reinício da sessão pública do Conselho de Segurança da ONU sobre o Iraque, dia 27 de março.

*“Eu sou contra essa guerra de agressão ilegal”.*

√ Daniel Grulich, morador de Nova York, durante manifestação contra a guerra.

*“Não sabemos onde isso nos levará”.*

√ General Peter Wall, comandante militar britânico que participa das operações de guerra, dia 25 de março.

*“Não esperem nossas ordens, apenas lutem contra o inimigo”.*

√ Saddam Hussein, em comunicado lido na TV Iraquiana, 25 de março.

*“Vocês são o povo do sacrifício. Matem-nos”.*

Idem.

*“Ferozes na guerra, magnânimos na vitória”.*

√ Tenente Coronel Tim Collins, comandante das forças britânicas, em discurso para o Primeiro Batalhão do Regimento Real Irlandês, na fronteira com o Iraque. Dia 24 de março.

*“A situação do povo iraquiano é agora minha preocupação mais imediata”.*

√ Kofi Annan, secretário-geral da ONU, dia 21 de março.

*“De modo algum a ação militar pode ser justificada”.*

√ Vladimir Putin, presidente da Rússia, durante pronunciamento na TV em 20 de março.

*“A guerra é a pior de todas as soluções”.*

√ Joschka Fischer, ministro das Relações Exteriores da Alemanha, em pronunciamento na TV, dia 20 de março.

*“A vitória está próxima”.*

√ Saddam Hussein na TV Iraquiana, dia 24 de março.

Fontes: Agência Estado e Reuters

to ininterrupto – e, se possível, a preços baixos – repousa na estabilidade da região, na existência de governos confiáveis nos países do Golfo. Atualmente, confiáveis são os do Kuwait, Catar, Emirados Árabes, Omã e Bahrin. A monarquia saudita é confiável para os americanos, mas o fundamentalismo religioso concorre para a desestabilização da Arábia Saudita. Os complicadores são Saddam Hussein e os aiatolás do Irã. Determinados a restabelecer a estabilidade na região do Golfo Pérsico, os EUA decidiram remover do poder, em primeiro lugar, Saddam Hussein.

**JU – O presidente Bush diz que pretende usar a invasão do país para instalar ali um regime democrático que sirva de inspiração para outras nações da região. O senhor acha que mudar o regime político no Iraque será tão fácil quanto ganhar a guerra? Por quê?**

**Cavagnari –** Não. Não há uma tradição democrática no Iraque. Desde sua independência, em 1932, jamais houve, em algum momento de sua história, uma experiência democrática no país. Washington poderá tentar, mas não será bem-sucedido – não alcançará resultados imediatos, de curto prazo – nem de médio prazo.

**JU – Que conseqüências a guerra pode gerar no quadro político do Oriente Médio, considerando os conflitos já existentes na região, principalmente entre palestinos e israelenses?**

**Cavagnari –** Haverá o recrudescimento do terrorismo islâmico contra alvos americanos e israelenses. Em alguns países, poderão aumentar as possibilidades de desestabilização dos respectivos governos – por exemplo, no Egito, na Jordânia e na Arábia Saudita. As iniciativas de paz

para solução do conflito israelense-palestino estarão comprometidas.

**JU – O fato de países como França e Alemanha terem se posicionado contra a guerra pode provocar um rachão na União Européia, já que Inglaterra, Espanha e Portugal se posicionaram favoráveis ao conflito? Nesse caso, quais os desdobramentos políticos na Europa?**

**Cavagnari –** Não. Ao contrário. França e Alemanha se empenharão no fortalecimento da União Européia. Fortalecimento que passa necessariamente pelo desenvolvimento de sua capacidade estratégico-militar, tendo em vista dotá-la de uma identidade político-estratégica – que hoje ela não possui.

**JU – Até que ponto a ruptura do governo norte-americano com a ONU pode mexer com o cenário político internacional?**

**Cavagnari –** Não deverá haver uma ruptura do governo norte-americano com a ONU. Ela sem os Estados Unidos será irrelevante. Seu desaparecimento, por sua vez, não é desejo dos EUA. Apesar de, em algum momento, virem a agir com liberdade absoluta na defesa de seus interesses vitais, eles precisam de um contexto de decisão multilateral, como a ONU, que é um fórum privilegiado para o debate político.

**JU – O papel da ONU será rediscutido, já que seu Conselho de Segurança não foi respeitado pelos EUA?**

**Cavagnari –** Sim. Aliás, é do interesse de todos os seus membros.

**JU – E como ficam as relações do Brasil com os EUA, já que o presidente Lula declarou oposição à guerra?**

**Cavagnari –** Continuarão normais.

*A saga da médica que sobreviveu ao fogo cruzado entre sérvios e croatas*

# Desanka ainda busca resposta para a crueldade

CLAYTON LEVY

clayton@reitoria.unicamp.br

Fotos: Antoninho Perri

A médica Desanka Dragosavac sabe muito bem o que é uma guerra. Em 1991, na Iugoslávia, ela viveu o inferno da luta entre sérvios e croatas, num dos conflitos mais cruentos da história. Trabalhando na Academia Militar Médica, um dos maiores hospitais da capital Belgrado, para onde eram levadas as vítimas, Desanka diz que chorava dia e noite. “Fiquei chocada com a brutalidade humana. Como era possível chegar àquele ponto?”. Doze anos depois ela diz que ainda não encontrou a resposta. E não consegue conter as lágrimas ao recordar os dias de fogo cruzado. “Não há tristeza maior que a guerra. Só quem passa por uma situação como essa sabe o que é isso de verdade”.



Desanka resistiu por quatro meses. Depois, desiludida e chocada, decidiu deixar o país para sempre. Fugiu para o Brasil no dia 11 de outubro de 1991, quando o conflito armado estava no auge. Hoje, trabalhando no Hospital das Clínicas da Unicamp, diz ter conseguido refazer a vida. Mesmo assim, as lembranças são difíceis de apagar. E os recentes bombardeios da coalizão anglo-americana sobre a capital do Iraque, Bagdá, transmitidas ao vivo pela TV, trouxeram à tona cenas que a médica daria tudo para varrer da memória. “Não importa o lugar, a época, os personagens e os motivos. A guerra é sempre uma tragédia”.

Falar daqueles dias é penoso para Desanka. “Trabalhávamos 24 horas por dia, atendendo civis e militares”, conta. Como anestesista, ela era uma das primeiras a receber os pacientes que chegavam à unidade, quase sem-

pre em estado crítico. “Foi uma agonia”. A cada cena pinçada na memória, os olhos da médica, grandes e claros, ficam marejados. “Teve uma criança de uns cinco anos que chegou ao hospital sem uma das pernas. Havia pisado numa mina. Eu chorava tanto ao atendê-la que as lágrimas me impediam até de enxergar os remédios”.

Desanka fica em silêncio por alguns instantes, como se estivesse revolvendo lembranças enterradas na própria alma, e volta com mais uma cena trágica. “Outro caso que me marcou muito foi o de um rapaz atingido por uma bomba. Ele perdeu os braços e ficou com a face desfigurada, praticamente sem o rosto. Colocamos um tubo num buraco que achávamos que era a traquéia porque não havia mais a boca. Eu fiz a anestesia. Ele sobreviveu, não sei como”.



## Parentes dos dois lados da batalha

A divisão entre sérvios e croatas era inconcebível para Desanka. “Para mim foi muito difícil aceitar a guerra porque tinha parentes dos dois lados. De um dia para outro você tinha de lutar contra seu irmão de sangue só porque ele morava do outro lado da fronteira e porque os políticos diziam que agora eram são seus inimigos. Meu marido poderia ter sido convocado para ir matar, na Croácia, nossos parentes que moravam lá. Crianças trocavam os brinquedos por metralhadoras porque tinham de matar outras crianças”. Inconformada, a médica decidiu abandonar o país em busca de vida nova. Mas não foi uma decisão fácil.

“Eu não podia sair do país porque meu passaporte havia sido recolhido no hospital. Mas houve um congresso na Alemanha e consegui o passaporte para essa viagem. Na volta, não o devolvi porque já havia decidido mudar de país”, conta. O plano consistia em ir na frente, sozinha, deixando na Iugoslávia o marido e os dois filhos, uma menina de quinze anos e um menino de cinco. Depois de estabelecida, a família seguiria ao seu encontro, deixando a guerra para trás. A essa altura, Desanka já havia escolhido o Brasil como novo destino. “Procurava um

lugar de clima quente e onde não houvesse guerra”.

A decisão, segundo ela, foi consciente. “Uma brasileira que morava na Iugoslávia e era apaixonada pelo Brasil sempre me falava do seu povo”, relembra. “Na época, a maior parte das pessoas que procurava refúgio em outro lugar seguia para países mais desenvolvidos, como Estados Unidos e Canadá. Mas escolhi o Brasil e não me arrependo”, garante. Desanka chegou ao aeroporto de Cumbica, em São Paulo, com pouco dinheiro e sem falar uma palavra em português. A única pessoa que conhecia era um estudante da USP, filho de uma brasileira com um iugoslavo, residentes em Campinas. Mesmo assim, estava determinada e seguiu em frente.

“Quando cheguei em São Paulo, fui logo procurá-lo”, conta. Não demorou muito para chegar a Campinas, onde passou a morar numa república no distrito de Barão Geraldo com duas pós-graduandas da Unicamp. “Nos primeiros oito meses me virei praticamente sem dinheiro. Minha principal preocupação era dominar logo o idioma para procurar trabalho. Comprei um gravador, fitas e três livros de língua portuguesa e praticava todos os dias”. Depois de apenas três semanas, De-

sanka criou coragem e postou-se na portaria do Hospital de Clínicas em busca de emprego. Foi acolhida pelo professor Gilberto de Nucci, do Departamento de Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas, e pelo cirurgião cardiovascular Eduardo Sancho, da disciplina de Cirurgia Cardíaca. Eram as pessoas certas no caminho da refugiada.

“Eles ouviram minha história e pediram o meu currículo. Na época, já havia concluído o doutorado e tinha vários trabalhos publicados na área de anesthesiologia e medicina intensiva”, conta. O histórico profissional da médica não deixava dúvidas quanto à sua competência, mas não era suficiente para a contratação. Com a permissão de De Nucci, porém, ela passa a trabalhar como médica voluntária. Dias depois, o governo de São Paulo anunciou o Programa de Apoio à Participação de Especialistas Estrangeiros que permitia

a contratação de profissionais de outras nacionalidade mediante concurso. Era a chance que Desanka esperava. “Prestei o concurso e fui selecionada. Logo depois, estava trabalhando no departamento de cirurgia do HC, como médica contratada”.

A médica Desanka Dragosavac: “Fiquei chocada com a brutalidade humana”

## As vilas que foram varridas do mapa

Longe da guerra e com a vida estabilizada, Desanka deu o sinal verde para o marido e os filhos se juntarem a ela. Depois de oito meses, o governo iugoslavo abriu as fronteiras e eles puderam sair. Ela conta que o marido pegou três malas, colocou-as na sala do apartamento e disse a cada um dos filhos que pegassem o que quisessem, desde que não ultrapassasse vinte quilos cada um. “Meu filho mais novo fez questão de trazer um skate. Meu marido sabia que era desnecessário, mas não teve coragem de contrariá-lo. Ao desembarcarem no Brasil, outra surpresa. Ao abrir a mala do marido, encontrou, por cima de tudo, o seu vestido de casamento e, sob o vestido, fotos e filmes da família. “Perguntei se estava louco e ele respondeu que não havia conseguido deixar tudo aquilo para trás porque representava muito para ele”.

Hoje, Desanka, o marido e os filhos estão bem. A saga da família teve um final feliz, num país distante, onde não há frio nem guerras. Mas as cicatrizes do passado dificilmente serão apagadas. “Muita coisa mudou dentro de mim. Percebi que a paz é muito frágil”, diz a médica. Quatro anos depois de refugiar-se no Brasil, ela voltou à Iugoslávia, na fronteira entre a Sérvia e a Croácia, para visitar a mãe. “Levei um susto”, conta. “No lugar onde antes existiam vilas inteiras, as casas haviam desaparecido. Foram varridas do mapa pelos bombardeios. Sobraram só os porões, onde muitas famílias ainda continuavam vivendo. Mais uma vez, os olhos de Desanka ficam molhados. E, com a voz embargada, murmura: “Acho que a civilização ainda vai pagar caro por estes desastinos”. Em 10 de outubro do ano passado Desanka naturalizou-se brasileira.



“Não há tristeza maior que a guerra”

Pesquisas nos tempos da guerra na Coréia davam crédito à ONU para a construção da paz

# Um passado bélico que o Ibope não deixa esquecer

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Hoje, em meio às conseqüências de uma nova guerra, não custa lembrar o passado. Em 1950, enquanto os cidadãos norte-americanos ouviam Bing Crosby e Dinah Shore, deixando Frank Sinatra em quinto lugar entre os favoritos, seus soldados e de outros países membros da ONU entravam na Coréia para conter o avanço das tropas comunistas, procedentes do norte sobre o resto do país asiático. O conflito, que no início o presidente Harry Truman chamou de "simples operação policial", acabou se arrastando a ponto de se transformar, na visão do Ocidente, em estratégia bolchevista no Extremo Oriente que ameaçava a segurança mundial.

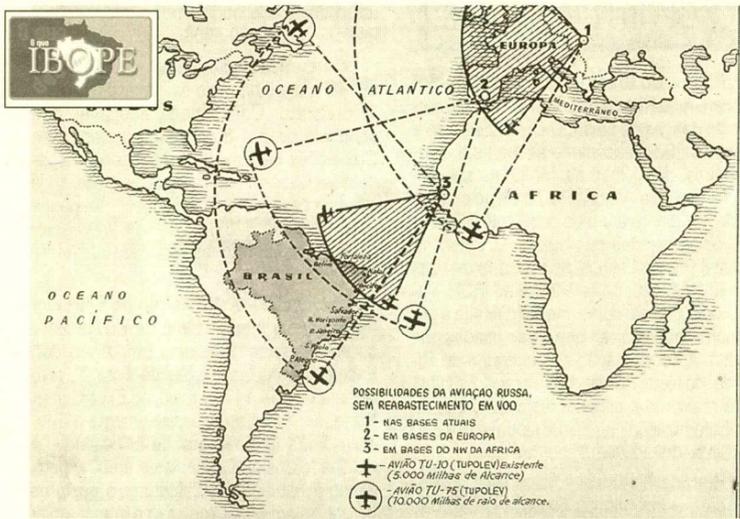
## Apesar do genocídio em Hiroshima e Nagasaki, americanos mantiveram aval à bomba

O general MacArthur colocaria lenha na fogueira, defendendo o bombardeio das bases aéreas dos comunistas chineses na Manchúria, o bloqueio dos portos de abastecimento chineses e o aproveitamento das tropas nacionalistas de Chiang-Kai-Chek refugiadas em Formosa. O governo americano, por seu lado, pregava prudência nesta questão que dividia a opinião pública, pois nem idéia se tinha do poderio humano da China. O censo chinês calculou, em 1948, uma população de 462 milhões. Pesquisa do Instituto Gallup, em março de 1951, indicava que a China conseguiria mobilizar pelo menos 10 milhões de soldados contra os EUA. O governo optou por tirar de MacArthur os seus comandos no Oriente.

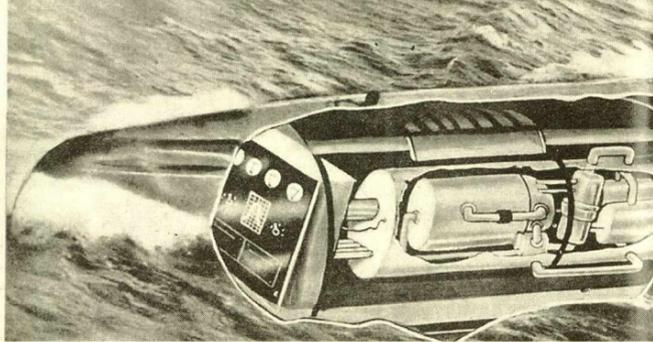
Fato é que, em terras da Coréia, cresciam as baixas nas forças ocidentais, o que levou a ONU a apelar a países membros como o Brasil que enviassem contingente humano. Em junho de 1951, o Ibope fez uma consulta aos cariocas, obtendo 64% de votos contrários à ida de tropas brasileiras; mesmo numa suposta agressão comunista à Europa, 46% dos entrevistados eram contrários e 38% favoráveis. Homens não, mas bombas sim: 51% achavam que as forças aliadas deveriam empregar a bomba atômica na Coréia.

Nos Estados Unidos, pesquisas realizadas nos cinco anos seguintes à rendição japonesa na Segunda Guerra, mostraram que 85% dos americanos continuavam aprovando as bombas atômicas usadas em Hiroshima e Nagasaki, apesar das conseqüências surreais. Mesmo depois, quando pregadores religiosos e outros segmentos sociais pressionavam o governo dos EUA a suspender a produção dessas armas, 69% da população votaram a favor do projeto de um artefato ainda mais destruidor, a bomba de hidrogênio.

Dentro daquela guerra fria, a terceira grande guerra, real, entre o bloco ocidental e os comunistas, era para muitos inevitável e iminente, como mostram os números do Ibope de 1952.



ESTE MAPA dá uma nítida idéia das possibilidades operacionais da aviação russa para interferir nos rotas comerciais do Brasil e até nas suas cidades costeiras. Instalados em Lisboa, os russos poderiam facilmente cobrir, com os seus poderosos aviões TU-75, uma parte do litoral ao norte de Bahia e de Recife, e instalar em condições de bombardear todo o território brasileiro e as vitais instalações petrolíferas da Venezuela e o Canal do Panamá. O reabastecimento em vôo multiplicaria esse poder ofensivo. Avião moderno, de propulsão a jato, podem fazer, em menos de 4 horas, a travessia atlântica do Dakar a Natal.



O SUBMARINO ATÔMICO

Já é uma realidade: este terrível aparelho de guerra. Eis o seu interior. São 500 submarinos russos, mais de dez mil podem operar no Atlântico Sul.

## O BRASIL NA 3ª GUERRA MUNDIAL

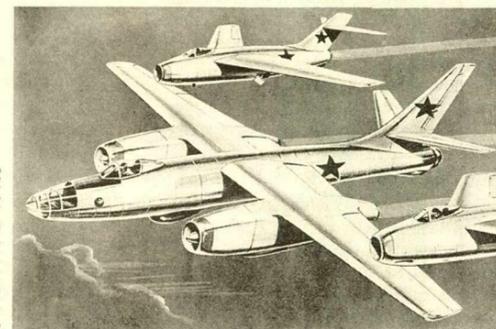
Reproduções: AEL

Com os submarinos de longo alcance, se os russos chegassem a Lisboa, seria inútil pensar em neutralidade — A técnica aliou-se à Geografia para nos colocar no cruzamento das decisões estratégicas — O eixo econômico pan-americano passa pelo Cabo de São Roque e a travessia Natal-Dakar pode ser o elo perdido da segurança mundial — O caminho do petróleo venezuelano e do Canal do Panamá

NEIVA MOREIRA

NÃO pretendemos examinar, aqui, as causas e nem as razões ideológicas, políticas e econômicas que conduziram à atual situação do mundo, sem fixar alguns aspectos evidentes da posição do nosso país no quadro de uma situação internacional tão vivida de riscos e perigos.

Um exame do mapa mundial permite uma conclusão muito clara: há, atualmente, campanhas militares, ainda que geralmente limitadas e portos de frota armada que podem ser aguçados como estaca de um quilômetro quadrado, em qualquer ponto do mundo, e todos deixamos que isso venha, mas não será possível se arremeter, a qualquer momento, sem prejuízo avesso. A aliança diplomática do mundo ocidental evoluiu para um pacto de segurança militar, o Tratado do Atlântico Norte. Forças das nações dessa aliança, a Jugoslávia, a Grécia e a Turquia estão fixadas e acionadas de realizar, no Mar do Norte e no Báltico, as maiores manobras aéreas em um tempo de paz, com 100 navios, mais de 100 mil homens e mil aviões de tipos modernos. Completando essa aliança, a Jugoslávia, a Grécia e a Turquia estão



O TU-75, o poderoso superbombardeiro russo, réplica de B-26, que tem um raio de alcance de 10 mil milhas, com um grande carregamento de bombas. Os russos guardam, em reserva, as características técnicas desse bombardeiro a jato, mas todas as indicações coincidem em reputá-lo um modelo de grande eficiência.

## O petróleo nacional (fevereiro de 1952)

A criação da "Petróleo Brasileiro S.A." será obra de profundas repercussões nacionais.

Houve um tempo em que o carvão era a espinha dorsal da economia de um país. O "ouro negro" veio substituí-lo no trono do produto nº 1 com virulência inimaginável. A história do petróleo será sempre contada com a ênfase das epopéias. O precioso líquido provocou guerras e revoluções e armou de poderes fabulosos organizações mais fortes do que os governos a quem controlavam e dirigiam.

Exatamente porque a história do petróleo é escusa e pouco divulgada é que as opiniões se apaixonam quando se levanta a ponta do véu que a encobre.

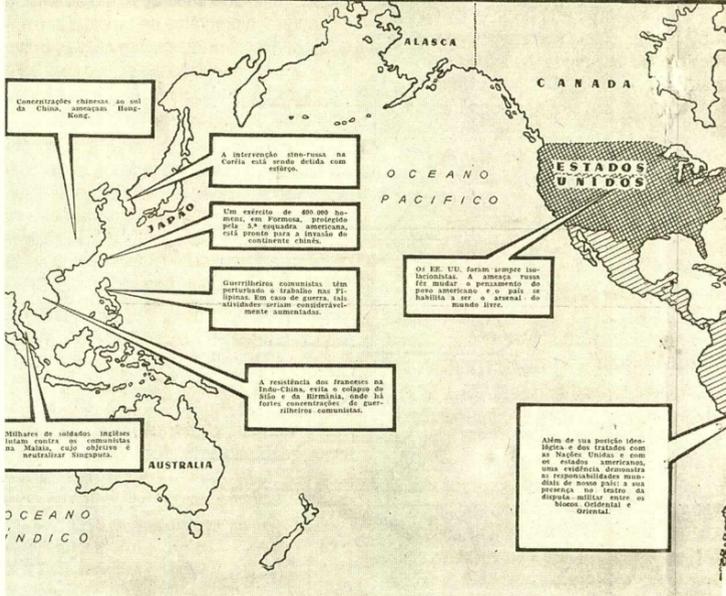
No Brasil a história do petróleo é mais comprida do que em geral se pensa e mais escusa do que em geral se revela. Agora, porém, tudo indica que o caminho está ficando desimpedido e que já podemos traçar o novo capítulo deste romance em plena luz do dia.

Essa história começou a poder ser contada quando, em 21 de janeiro de 1939, o primeiro poço brasileiro de petróleo lançava em Lobato seus 110 litros de óleo bruto em um dia. Atualmente 137 poços no Recôncavo baiano produzem diariamente três milhões de litros de óleo bruto, e a produção total do Recôncavo desde 1939 é de 265.182.903 litros.

✓ Existe um plano do nosso governo de levantar um empréstimo popular de dez milhões de contos para financiar a exploração de nosso petróleo. Estaria disposto a comprar ações para participar desse empreendimento?

Sim	52%
Não	29%
Não opinaram	19%

## A Guerra Mundial Nº 3



RCOS estão combatendo no Oriente e levantaram poderosos bombardeiros nas fronteiras da União Soviética, onde há o perigo de os russos, em zonas já cobertas pelo imperialismo ocidental.



MAIS ou o tório

## População versus trocadores de ônibus

(novembro de 1952)

Vê-se claramente que os trocadores de ônibus não contam com a simpatia de uma parte ponderável da população. É possível que fatores outros que não o contato direto com esses profissionais — a imprensa, o rádio, o humor popular, tenham concorrido para a formação de um estereótipo desfavorável.

De qualquer maneira, porém, é inegável a abundância de queixas e reclamações contra os rapazes que — nem sempre com boa vontade, trocam o dinheiro dos passageiros de ônibus desta Capital. Sua profissão, como todos as que se fundamentam no trato com o público, exige boa-vontade, polidez e bom-humor constante. Essas qualidades são tão importantes para o trocador, quanto o saber contar.

✓ Há quem diga que o mundo está se tornando insuportável, por falta de compreensão entre os homens. Em sua opinião pessoal, qual é o grupo de pessoas que mais lhe dá aborrecimentos em sua vida diária?

Os trocadores de ônibus	4.6%
As empregadas domésticas	2.8%
Os açougueiros	1.0%
Os colegas de trabalho	0.8%
Os funcionários públicos	0.7%

✓ Obs: Houve quem respondesse "Getúlio Vargas" e "os entrevistadores do Ibope". Não faltou, também, quem se recusasse a apontar qualquer grupo social como importante, acrescentando: "a vida, para mim, é um céu azul..."

## SERVIÇO

**Arquivo Edgard Leuenroth**  
 Local: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
 Horário: das 9h às 17h  
 Período letivo: 2ª e 6ª feiras, das 9h às 17h; 3ª, 4ª e 5ª feiras, das 9h às 20h  
 Seção de Atendimento: 3788-1626  
 ael-cpds@unicamp.br

## É inevitável a 3ª Guerra Mundial?

Sim	34%
Não	31.7%
Não opinaram	34.3%

### ✓ Em quanto tempo explodiria a Guerra?

Até 1 ano	9.4%
De 1 a 2	15.9%
De 2 a 3	20.3%
Mais de 3	13.8%
Não se pode calcular	30.6%
Não opinaram	10%

### ✓ Um batalhão colombiano está combatendo na Coréia, ao lado das tropas da ONU. O Sr. acha que o Brasil deveria permitir a ida de voluntários brasileiros para a frente coreana?

Sim	8.7%
Não	81.4%
Não opinaram	9.9%

## A ONU e a paz mundial

(19 a 25 de outubro de 1952)

A Organização das Nações Unidas foi criada a fim de garantir a preservação da Paz Mundial.

Inúmeros têm sido os obstáculos a derrubar, as lutas a vencer para edificação da harmonia internacional.

Deve ser agradável, por isso, aos líderes da ONU, saber que há uma coletividade, pelo menos, que acredita no seu valor para a construção da Paz.

Referimo-nos ao povo desta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que, interrogado pelo Ibope, durante o início do mês de outubro em curso, manifestou-se crente na efetividade da ONU em sua função precípua — evitar a guerra.

### O sr. acredita que a ONU possa resolver o problema da Paz Mundial?

#### ✓ São Paulo

Sim	40.6%
Não	41.2%
Não opinaram	18.2%

✓ Obs: Na capital bandeirante, como se vê, uma pequena maioria dos responsáveis declaram-se incrédulos quanto ao valor da ONU para manter a paz no mundo. Não nos aterrorizaremos a investigar as causas do fenômeno, realmente curioso. Limitamo-nos a afirmar o fato constatado entre 412 entrevistados.

#### ✓ Rio de Janeiro

Sim	46.9%
Não	28.4%
Não opinaram	24.7%

✓ Obs: (...) Não é absolutamente estranhável a grande abstenção de respostas, porquanto é de fato muito grande a proporção dos que ignoram o que seja ONU. (...) no Boletim nº 62, verificou-se que 50% da população do Distrito Federal não sabiam, na ocasião, o significado da sigla ONU.

# Vida Acadêmica

## UNICAMP NA IMPRENSA

### Correio Popular

**22 de março** – A Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) se transformou no maior acervo de dissertações de mestrado e teses de doutorado em texto completo do Brasil. Pelo menos mil obras integrais estão no ar, totalmente disponíveis para consulta e reprodução, contra as cerca de 740 contabilizadas até o dia 15 de fevereiro.

**23 de março** – O fenômeno da ocupação de áreas para moradias já atinge cinco municípios da Região Metropolitana de Campinas (RMC), conforme dados do Núcleo de Economia Social, Urbana e Regional (Nesur), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

**23 de março** – Pacientes com obesidade mórbida que entrarem hoje na fila para realizar uma operação de redução de estômago no Hospital das Clínicas (HC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) terão de esperar até 15 anos se for mantida a procura pelo procedimento. A avaliação é do chefe do Serviço de Cirurgia de Obesidade da Unicamp, José Carlos Pareja, cirurgião do aparelho digestivo e especialista em cirurgia da obesidade.

**25 de fevereiro** – O estudo do Nesur, da Unicamp, aponta 182 ocupações e favelas, em Campinas, configurando "aglomerações subnormais"; desafio que o Poder Público não enfrenta.

### Terra Notícias

**21 de março** – O Microsoft Research, centro de pesquisas da Microsoft, anunciou o lançamento de dois laboratórios de pesquisa em universidades brasileiras. USP (Universidade de São Paulo) e Unicamp (Universidade de Campinas) receberam a doação de equipamento e software para desenvolverem um trabalho com seus professores e alunos bolsistas.

### Jornal da Tarde

**21 de março** – A primeira tevê brasileira a noticiar a guerra foi a TV Cultura. A emissora fez um acordo com a RTP – rede pública de TV de Portugal – e o apresentador Celso Zucattelli conversava com o repórter português Carlos Fino, que está no Iraque, no momento dos primeiros ataques. A Cultura preparou entrevistas – entre elas com o especialista em terrorismo, o francês Michael Wieviorka, e Geraldo Cavagnari, do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp – para veicular durante a programação.

### Folha de S. Paulo

**23 de março** – As organizações não-governamentais como se conhecem hoje surgiram há pouco mais de 30 anos, mas o conceito de cidadania defendido por essas entidades tem 28 séculos. (...) Essa é uma das teses defendidas no livro "História da Cidadania", da Editora Contexto, uma coletânea de textos coordenada pelos historiadores Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky, professores-doutores da Unicamp.

**23 de março** – As imagens que ilustram o Mais! foram extraídas do livro de Andreas Vesalius "De Humani Corporis Fabrica...", que está saindo no Brasil em co-edição da Ateliê, Ed. da Unicamp e Imprensa Oficial do Estado.

### Cosmo Online

**20 de março** – "Política e Educação, análise de uma política partidária" é o livro que o professor Zacarias Pereira Borges lança nesta sexta-feira, às 12h, no Salão Nobre da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

### JC Online

**17 de março** – O ministro das Telecomunicações, Miro Teixeira, disse hoje que os recursos para o desenvolvimento de um novo padrão de TV digital no Brasil virão do Fundo para o Desenvolvimento Tecnológico das Telecomunicações (Funtel). (...) Na previsão do ministro, até o final desta semana deverá ser formado um pool de universidades com a participação da Unicamp, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de São Paulo (USP), entre outras, para a apresentação de projetos na área.

### Site MCT - Notícias

**20 de março** – No dia 12 de abril, o Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW), da Unicamp, e o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS) realizarão a VI Oficina de Física. Desta vez, o tema será **Aplicações de Física em Biologia e Medicina**. As Oficinas de Física são dirigidas ao público em geral, professores do ensino médio e estudantes.

## PANEL DA SEMANA

▼ **Empresas tecnológicas** – A Unicamp sediará em Campinas o 1º Workshop de Empresas Tecnológicas de Campinas. Organizado pela Universidade, Companhia de Desenvolvimento do Polo de Alta Tecnologia de Campinas (Ciatic), Incubadora de Base Tecnológica da Unicamp (Incamp) e Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações (CPQD), o workshop mostrará os principais projetos de empresas nascentes de cunho tecnológico nas áreas de automação, biotecnologia e agonegócios, fônica e telecomunicações, tecnologia da informação e novas tecnologias. O evento será realizado no dia 31 (segunda-feira), no auditório da Diretoria Geral da Administração (DGA), e também nos dias 1º a 4 (terça a sexta-feira), no auditório da Incamp. Informações pelo telefone 3256-0100 (Hélio Shimizu) ou site [www.altecamp.com.br](http://www.altecamp.com.br).

▼ **Otimização** – Às segundas-feiras, o Departamento de Matemática Aplicada (DMA) do Imecc realiza os Seminários de Otimização. O encontro, que reúne especialistas da área, acontece às 14 horas, na Sala de Reuniões do DMA. Dia 31 (segunda-feira) "Condições de Otimalidade em Geofísica", com professor Lúcio Tunes dos Santos.

▼ **História da Educação** – 5º Seminário de Fontes para a História da Educação do Século XIX, de 31 (segunda-feira) e 1º (terça-feira), no Salão Nobre da Faculdade de Educação. O tema central será "A Infância", cujo tratamento visa possibilitar a reflexão sobre as ciências e saberes que participaram da constituição da infância, as relações entre infância, leituras e livros escolares, os espaços e tempos de produção da infância no século XIX. Informações: Faculdade de Educação, telefone - (19) 3788-5565, Fax - (19) 3788-5566, e-mail: [eventofe@unicamp.br](mailto:eventofe@unicamp.br).

▼ **Lançamentos** – O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp e a Livraria Liubliú lançam no dia 2 (quarta-feira), às 18h30, na Livraria (Tilli Center) três livros, produto de pesquisas realizadas por professores do Departamento de Antropologia e alunos da Pós-Graduação. São eles: *Antropólogos e Antropologia, da professora Mariza Corrêa*, *Gênero em Matizes*, organizado por Heloisa Buarque de Almeida, Rosely Gomes Costa, Martha Célia Ramirez e Érica Renata de Souza (alunas do curso de doutorado em Ciências Sociais) e *Ecoss do Atlântico Sul. Representações sobre o Terceiro Império Português*, do professor Omar Ribeiro Thomaz. Informações: [marthace@unicamp.br](mailto:marthace@unicamp.br).

▼ **Aposentados** – A Diretoria Geral de Recursos Humanos (DGRH) e a Pró-Reitoria de Desenvolvimento Universitário (PRDU) organizam no dia 2 de abril, às 9 horas, no Centro de Convenções da Universidade, uma homenagem aos 123 aposentados no ano de 2002. A cerimônia será composta de uma confraternização, entrega de placa e apresentação musical. Outras informações pelo telefone 3788-4865.

▼ **Música** – "Conversas sobre Música", com Jorge Luiz Schroeder (Doutorando pelo Laboratório/Unicamp) e Sílvia Cordeiro Nassif (Doutoranda pelo GPPL-FE/Unicamp), dia 2 (quarta-feira), das 18 às 19 horas, na sala L08 da FE. Realização: Grupos da Faculdade de Educação.

▼ **Grafite** – O Instituto de Física "Gleb Wataghin" (IFGW) apresenta no dia 3 (quinta-feira), a série de colóquios, "Grafite como um sistema de elétrons altamente correlacionados". Ministrado pelo professor Yakov Kopelevich, o colóquio, que será realizado às 16 horas no auditório do instituto, procura mostrar porque, apesar da considerável quantidade de pesquisas feitas em grafite, suas propriedades continuam por ser esclarecidas. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 3788-5328 (Maria Ignez).

▼ **Universidades inglesas** – Representantes de vários setores da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) se reúnem no dia 3 (quinta-feira) com uma comitiva inglesa de cinco universidades – a de Sheffield, Imperial College, Kings College London, University College London (UCL) e Royal College of General Practitioners (RCGP). O propósito é discutir temas como RCGP – Atenção Primária no Reino Unido, UCL – Uso da Telemedicina na interface entre os atendimentos primário e secundário imperial, e a reforma curricular nos cursos de medicina no Reino Unido. Após a reunião, a comitiva se apresentará, às 11 horas, para a comunidade acadêmica no salão nobre da FCM, abordando o modelo de saúde inglês e as experiências dessas universidades com a formação e especialização de profissionais de saúde que atuam na atenção básica. Mais informações pelo telefone 3788-8851.

## OPORTUNIDADES

▼ **Ritmos do Brasil** – Movimento Arte-Solidária/Grupo Ritmos do Brasil promovem cursos de danças de salão. O Curso de Forró e Dança de Salão acontece às terças e quintas-feiras, das 12h10 às 13h20, na sala IB-16, na Biologia. Valor: R\$ 70,00 pelo curso inteiro (c/direito a um cd com vinte músicas que serão usadas nas aulas). O Curso de Salsa & Ritmos Latinos, às sextas-feiras, das 12h10 às 13h20, na sala IH08, no IFCH. Valor: R\$35,00 pelo curso inteiro (c/direito a um cd com vinte músicas que serão usadas nas aulas). A coordenação dos cursos é do Ricardo, do Neto, da Hell e da Tatiana. Em abril será realizada a primeira festa dançante de confraternização. Informações: José Roberto da Silva ([artessolidaria@hotmail.com](mailto:artessolidaria@hotmail.com)).

▼ **História Medieval** – Vaga para professor para o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Departamento de História, Área de História Antiga e Medieval. Inscrições até 12 de abril. Informações: 3788-7441/4337 com Raquel.

▼ **Bureau Veritas** – Curso de Especialização em Gestão de Segurança, Saúde, Meio Ambiente e Qualidade, oferecido pela terceira vez pelo Instituto de Economia/Unicamp, em conjunto com o Bureau Veritas. Mais informações: 3788-5748, sites [www.econ.unicamp.br/projetos/mterras/index.html](http://www.econ.unicamp.br/projetos/mterras/index.html) e [www.econ.unicamp.br/projetos/agua/projeto-siteagua3.html](http://www.econ.unicamp.br/projetos/agua/projeto-siteagua3.html).

▼ **Mobilidade funcional** – Uma vaga na função de Profissional Área de Informática-Analista de Sistema no Gastrocentro. Inscrições até 4 de abril no RH-Gastrocentro, 3º piso. Informações no site da DGRH-Oportunidades ou através do telefone 3788-8561/e-mail [naiv@trc.unicamp.br](mailto:naiv@trc.unicamp.br).

▼ **Bolsas Faep** – Encontrar-se disponibilizado junto ao Fundo de Apoio ao Ensino e Pesquisa, o programa de "Apoio à Implantação de Novos Projetos Temáticos". Edital detalhado e Formulário específico para este programa, já em vigência, encontram-se no endereço: [www.prp.unicamp.br/faep/](http://www.prp.unicamp.br/faep/).

▼ **Voluntários** – Procura-se voluntários para desenvolver projetos e atividades em entidades e escolas. Pode ser estudantes de qualquer área, como ambiental, educacional, informática, cultural, etc. Contatos: Flávia Pereira Silva, e-mail: [flaviasife@hoyler.edu.br](mailto:flaviasife@hoyler.edu.br) ou [flavia@cemeq.unicamp.br](mailto:flavia@cemeq.unicamp.br), telefone - (19) 9107-5939 ou (19) 3897-6099 das 15 às 19 horas.

▼ **Oncologia** – 1º Prêmio de Oncologia Novartis – Saúde Brasil podem ser obtidas nos sites: [www.saudebrasilnet.com.br](http://www.saudebrasilnet.com.br) ou [www.novartisnacional.com.br](http://www.novartisnacional.com.br). Trata-se de um concurso nacional na área de oncologia. Estão sendo aceitos trabalhos científicos e projetos sociais. Estudantes de medicina, residentes e médicos poderão apresentar os trabalhos e compartilhar experiências que contribuíram para melhorar as condições de tratamento e atendimento ao paciente com câncer. Dúvidas: Fabíola Spila, telefone (11) 3666.8300, e-mail: [fabiola.spila@portavoz.com.br](mailto:fabiola.spila@portavoz.com.br).

▼ **Análise sensorial** – Inscrições para o curso de extensão "Métodos de avaliação sensorial dos alimentos", de 3 a 7 de abril, poderão ser feitas na secretaria de extensão da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA). O curso será realizado nos dias 14 a 16 de abril, nas dependências da Faculdade, e abordará o uso de técnicas modernas de análise. Ministrado pela professora Maria Aparecida Azevedo Pereira da Silva, o curso pretende atender às demandas dos laboratórios de análise sensorial relacionadas com as áreas de garantia e controle de qualidade e desenvolvimento de novos produtos na indústria de alimentos. Mais informações: telefone 3788-3886.

▼ **Prêmio Embrapa** - Inscrições até 31 de março do Prêmio Embrapa de Reportagem 2003. São convidados a participar veículos como TV, rádio e impresso. O prêmio será conferido para reportagens sobre "O papel do cooperativismo para a inovação tecnológica na agropecuária" veiculadas no período de 1º de abril de 2002 a 31 de março de 2003. Informações no site [www.embrapa.br](http://www.embrapa.br) ou pelo telefone (61) 448-4379.

▼ **Geotecnologias** – A 3ª Mostra do Talento Científico, promovida pela GIS Brasil, premiará estudantes da área de geotecnologias. Para participar do concurso o trabalho deve mostrar aplicações práticas das geotecnologias em áreas como meio ambiente, gestão de cidades, telecomunicações, energia elétrica, saneamento, planejamento territorial, ou qualquer outra que venha a contribuir com o dia-a-dia das corporações públicas ou privadas. A 3ª Mostra acontece de 19 e 22 de agosto, no Palácio de Convenções do Anhembi, em São Paulo, paralelamente ao COMDEX Sucusu-SP – Brasil

2003. Os interessados podem se inscrever até o dia 15 de abril. Outras informações: telefone: (11) 3039-5968.

▼ **Comunidade Saudável** – Estão abertas até o dia 5 de maio as inscrições para o 3º Encontro Comunidade Saudável, que acontece de 5 a 8 de maio no Centro de Convenções da Unicamp. As inscrições podem ser feitas na Extcamp ou pelo site. Mais informações: professor Rangel – telefones 3788-1153 ou 3289-2524, site [www.extcamp.unicamp.br/comunidadesaudavel/index.htm](http://www.extcamp.unicamp.br/comunidadesaudavel/index.htm).

▼ **Educação** – A 10ª edição do Educador – Congresso Internacional de Educação – que tem o tema "Idealismo Empreendedor: Excelência nas Instituições de Ensino", será realizado de 14 a 17 de maio, no Expo Center Norte, em São Paulo, paralelamente a Educador – Feira Internacional de Educação – é destinado aos profissionais da área, especialmente mantenedores, diretores e gestores de ensino privado. O objetivo é intercambiar informações no campo da pesquisa e do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, como também oferecer conteúdo técnico para facilitar a administração de estabelecimentos de ensino da educação infantil ao ensino superior.

## TESES DA SEMANA

▼ **Engenharia de Alimentos** – "Produção de b-1,3 glucanases, proteases líticas e quitinases por microrganismos e aplicação na lise de leveduras" (doutorado). Candidata: Luciana Franciso Fleuri. Orientador: professora Hélia Harumi Sato. Dia: 31 de março, às 14 horas, Salão Nobre - FEA.

▼ **Comportamento reológico de chocolates ao leite sem fibras e enriquecido com fibras solúveis** (mestrado). Candidata: Angélica Maria Gozzo. Orientador: professor Carlos Alberto Gasparetto. Dia: 31 de março, às 9:30 horas, Salão Nobre - FEA.

▼ **Modelagem termodinâmica de soluções aquosas de açúcares** (mestrado). Candidata: Denise Perozin. Orientador: professor Fernando Antonio Cabral. Dia: 31 de março, às 9h 30 min, Anfiteatro do DEPAN.

▼ **Produção de glicosiltransferase de Erwinia sp D12 e estudo da conversão de sacarose em isomaltulose** (mestrado). Candidato: Haroldo Yukio Kawaguti. Orientadora: professora Hélia Harumi Sato. Dia: 2 de abril, às 10 horas, Salão Nobre - FEA.

▼ **A expectativa do consumidor e sua influência na aceitação e percepção sensorial de café solúvel** (doutorado). Candidata: Regina Lúcia Firmento de Noronha. Orientadora: professora Maria Aparecida Azevedo Pereira da Silva. Dia: 3 de abril, às 14 horas, Salão Nobre - FEA.

▼ **Avaliação da qualidade de queijos tipo Minas Frescal elaborados por diferentes processos tecnológicos e comercializados em Campinas/SP** (mestrado). Candidata: Juliana Doering Gasparin Carvalho. Orientador: professor Arnaldo Yoshiteru Kuaye. Dia: 4 de abril, às 9 horas, Anfiteatro DTA/FEA.

▼ **Engenharia Mecânica e Geociências** – "A Modelagem Numérica como Instrumento de Apoio à Avaliação Ambiental" (mestrado). Candidato: Rui Cesar Sansonowski. Orientador: professor Armando Zaupa Remacre. Dia: 1º de abril, às 10 horas, Sala B - Instituto de Geociências.

▼ **Engenharia Mecânica** – "Utilização de alumina depositada por aspersão térmica a plasma em ultra-alto vácuo" (mestrado). Candidato: Marcelo Juni Ferreira. Orientadora: professora Cecília Amélia de Carvalho Zavaglia. Dia: 3 de abril, às 9 horas, Auditório do Bloco ID2.

▼ **Estudos da Linguagem** – "A elisão de monomorfemas em casos de sândi vocálico externo a três variedades do português" (mestrado). Candidata: Brenda Silva Veloso. Orientadora: professora Maria Bernadete Marques Abaurre. Dia: 31 de março, às 9 horas, Sala de defesa de Teses/IEL.

▼ **Física** – "Universalidade e leis de escalas" (Doutorado). Candidata: Marta Elisa Rosso Dotto. Orientador: professor Maurício Urban Kleinke. Dia: 4 de abril, às 14 horas, Auditório da Pós-Graduação - IFGW.

▼ **Química** – "Síntese Enantiosseletiva de Efedrina" (mestrado). Candidato: Emerson Lourenço. Orientador: professor Paulo José Samenho Moran. Dia: 2 de abril, às 9 horas, Sala IQ-22.

▼ **Bases técnico-científicas para o desenvolvimento de critérios de qualidade de sedimentos referentes a compostos orgânicos persistentes** (Doutorado). Candidata: Fernanda Vasconcelos de Almeida. Orientador: professor Wilson de Figueiredo Jardim. Dia: 4 de abril, às 10 horas, mini-auditório-IQ.

## LIVROS

ANA PAULA GOMES

### A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)

Carlos Eugênio Libano Soares  
2ª edição  
ampliada  
Co-edição  
Cecult/IFCH  
614 pp.  
R\$ 55,00



Envolvente estudo sobre a capoeira como manifestação de rebeldia escrava na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. Narra os conflitos entre os próprios escravos, entre as malhas de capoeiristas que lutavam pelo controle de determinadas áreas da cidade, analisando seu papel nos movimentos políticos e nos conflitos de rua.

### Encantamento, Acaso, Você

Seguidos dos haicais completos  
Guilherme de Almeida  
Apresentação,  
edição e notas:  
Suzi Frankl  
Sperber  
248 pp. R\$ 28,00



Os três livros aqui reunidos — *Encantamento, Acaso e Você* — apresentam poemas ora de tema vago, difuso, ora de maior densidade. O que têm em comum é o silêncio, elemento que permeia toda a obra. Aqui se podem vislumbrar um Guilherme de Almeida nostálgico, com traços simbolistas, e outro lúdico e modernista. Os haicais fundem humor e espiritualidade.

### Fundamentos de transferência de massa

Marco Aurélio Cremasco  
2ª edição revista  
736 pp.  
R\$ 80,00



A transferência de massa está presente em processos pelos quais se separa ou se adiciona determinado componente de uma dada mistura. Este é o primeiro livro publicado no Brasil sobre o assunto. Através de exemplos e exercícios o autor vai apresentando a matéria, valendo-se de sua experiência como docente do Instituto de Química da Unicamp.

### Os Recursos Físicos da Terra

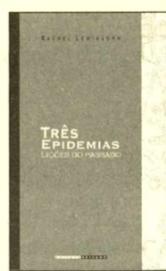
Bloco 6 – O futuro dos recursos: previsão e influência  
Geoff Brown e outros  
Tradução e adaptação:  
Saul B. Suslick  
116 pp.  
R\$ 23,00



Apesar do tom catastrófico com que se costuma falar sobre o futuro dos recursos físicos do planeta, essa obra demonstra que ele não pode ser previsto com exatidão, sendo constantemente influenciado por mudanças na sociedade. Último volume da coleção, elaborada pela The Open University e adaptada à realidade brasileira por professores do IG/Unicamp.

### Três epidemias

Lições do Passado  
Rachel Lewinsohn  
324 pp. R\$ 45,00



Em linguagem quase literária, esse livro de história da medicina trata de três doenças que eclodiram em diferentes momentos, trazendo consequências trágicas para a humanidade: a peste, a cólera e a doença de Chagas. A autora fala ainda sobre o cientista Carlos Chagas, defendendo-o de diversas acusações que sofreu ao longo da vida e mais recentemente.

**Ouvidos mais de 160 pesquisadores, obra traz uma síntese do estado do conhecimento**

# Livro revela desafios da megadiversidade brasileira

**LUIZ SUGIMOTO**

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Apenas 10% dos supostos dois milhões de espécies da fauna, flora e de microorganismos da biodiversidade do Brasil são conhecidas. Mesmo a estimativa total de quase dois milhões pode estar redondamente errada. Não estão fora de questão estimativas que atingem cinco ou até dez milhões de espécies. A um ritmo de descrição científica de novas espécies de 0,6% ao ano, boa parte da diversidade ainda desconhecida deverá desaparecer sem nunca ter sido registrada.

*Biodiversidade Brasileira – Síntese do estado atual do conhecimento* é um livro que apresenta as primeiras estimativas do tamanho desse desconhecimento. Escrito pelo professor Thomas Lewinsohn, do Instituto de Biologia (IB), juntamente com Paulo Inácio Prado, do Nepam (Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais) da Unicamp, acaba de ser publicado pela Editora Contexto, com apoio do Ministério do Meio Ambiente e da Conservation International do Brasil.

“Não se trata de um inventário, mesmo porque não oferecemos qualquer lista de espécies. É um balanço do que já está inventariado”, esclarece Lewinsohn. Este diagnóstico contou com uma equipe de consultores da Unicamp, USP e Universidade Federal de São Carlos (*veja quadro*). Por meio de um questionário, os consultores obtiveram informações de mais de 160 especialistas de todo o país, o que permitiu um balanço inédito do conhecimento e da capacitação dos pesquisadores a respeito de organismos de água doce, invertebrados marinhos e terrestres, vertebrados, plantas, diversidade microbiana e diversidade genética.

Lewinsohn explica que a tônica do livro passa longe da “pura lamentação” pela falta de recursos. “Há problemas imensos, mas temos uma massa expressiva de especialistas, coleções, instituições e cursos de pós-graduação. Se não contamos com a mesma base institucional da Europa, estamos à frente de muitos outros países com elevada biodiversidade. Dentre os países em desenvolvimento, apenas alguns, como a Índia, México e África do Sul se equiparam a nossa capacidade e têm condições de provocar um avanço significativo do conhecimento”, avalia.

O trabalho é fruto de consultoria ao Ministério do Meio Ambiente, com recursos do PNUD (Programa das

Nações Unidas para o Desenvolvimento) para subsidiar a elaboração da Estratégia Nacional de Biodiversidade. “É um compromisso assumido pelo Brasil na Convenção de Diversidade Biológica, como todos os signatários, de apresentar relatórios periódicos e elaborar

uma estratégia abrangente para a biodiversidade”, lembra Lewinsohn. A Convenção não trata apenas de conhecimento e preservação, mas também da partilha dos benefícios de uso da diversidade, aspectos importantes, mas que não foram objeto deste estudo.

**Dispersão** – As informações sobre biodiversidade estão dispersas, fragmentadas e muitas vezes não chegaram a ser publicadas, dificultando uma visão de conjunto. O livro mostra o primeiro retrato do estado atual do conhecimento, uma ferramenta que permite apontar caminhos e corrigir rotas. “Ficou claro quais regiões conhecemos menos. Sempre imaginamos a Amazônia como uma área misteriosa, mas temos muito mais estudos sobre ela do que sobre a caatinga ou o Pantanal. Outro exemplo é o Estado do Tocantins, que vem abrindo largas fronteiras agrícolas, sem que saibamos quais as

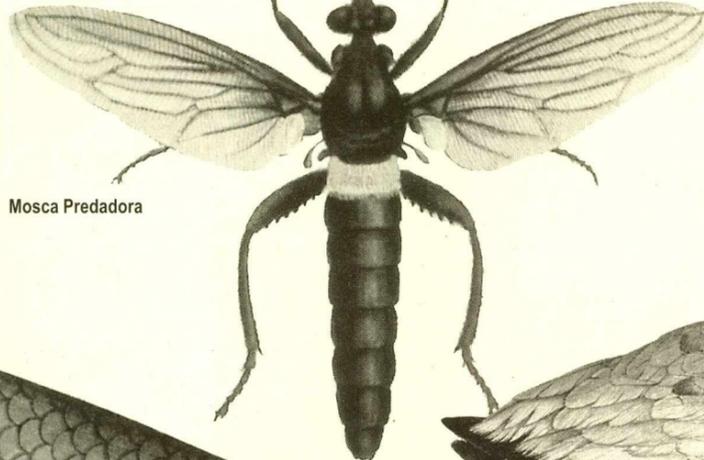
espécies podem estar se perdendo”, aponta.

O diagnóstico revisa as condições das coleções e bibliotecas científicas no país, avaliando se são suficientes ou se é necessário recorrer a acervos do exterior. “As respostas são bem diferentes, conforme o tipo de organismo. Para 70% dos vertebrados, os especialistas acham possível trabalhar com nossas bibliotecas. Já na área de plantas, há maior proporção de grupos em que é indispensável a consulta em outros países”, observa Lewinsohn.

O trabalho, diz, não propõe um megaplano centralizado para a biodiversidade, tão a gosto de tecnocratas, mas pretende estimular projetos factíveis em grupos importantes. “Um inventário completo de todas as espécies do território brasileiro é irreal. Isso levaria mais de um milênio, quando dispomos de uns 20 ou 30 anos, porque em muitas áreas as espécies estão sumindo rapidamente. Se meu limite de corrida é de 500 metros, não vou disputar uma maratona de 42 quilômetros, pois nunca vou chegar lá”, compara.

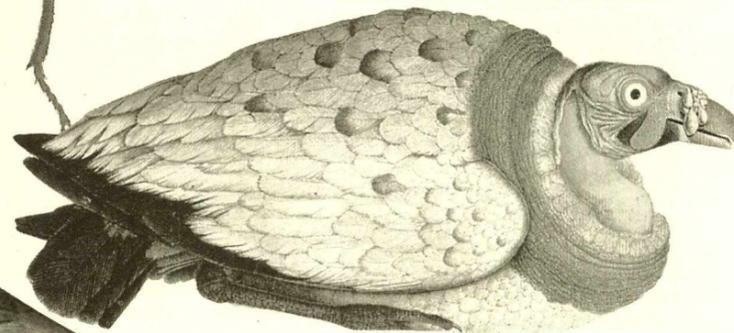
**Recursos** – O autor reconhece o investimento feito pelo Brasil nas últimas décadas, aparelhando instituições da área e enviando alunos para pós-graduações em centros de excelência. Ele observa, contudo, que o processo empacou na hora de absorver estes novos pesquisadores.

Johann Spix e Karl Martius/  
Delectus animalium... in itinere per  
Brasilian, Múnaco, 1830.



Mosca Predadora

Alexandre Rodrigues Ferreira/  
Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. 1783-1792.



Pirarucu, um dos mais valorizados peixes amazônicos

Alexandre Rodrigues Ferreira/  
Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. 1783-1792.

Urubu-rei

## A minhoca e a Mata Atlântica

Como convencer um leigo sobre a relevância de descrever, por exemplo, uma espécie de joaninha? Thomas Lewinsohn não se abala com essa pergunta, que reflete o desconhecimento deste trabalho dos biólogos. “Tal descrédito é mais comum na população urbana. No interior do Acre, as pessoas jamais questionariam o valor dessas pesquisas. Lá, você mostra livros de mamíferos ou plantas e fica horas rodeado por crianças, adultos e velhos, que devoram as pranchas e discutem cada animal que já viram, cada planta parecida porém com folhas diferentes”, relata.

Lewinsohn explica que a identificação das espécies da biodiversidade nos dá a dimensão do mundo em que vivemos – ou do nosso desconhecimento brutal. “Há, seguramente, mais de 1,5 milhão de espécies conhecidas, mas não sabemos se elas poderão chegar a dez ou cem milhões no mundo. Gaste-se mais dinheiro para descobrir se existe ou existiu uma única espécie em Marte. O orçamento dessas missões cobriria boa parte do

inventário de espécies do planeta”, diz.

As possibilidades de aproveitamento de espécies incluem a produção de fibras e outras matérias-primas, fármacos e na alimentação. Porém são conhecidas as propriedades de uma minúscula fração dentre as 250 mil espécies de plantas superiores, sem falar em algas, bactérias ou fungos. Para a produção de alimentos, somente cerca de 50 espécies foram amplamente exploradas pela humanidade.

As pesquisas deixam cada vez mais claro que não se preserva ou maneja espécies isoladamente. Deve-se preservar ecossistemas integrais. Não adianta plantar uma floresta de puro palmito, porque ela não será capaz de manter todas as funções necessárias. “As relações são muito sutis: as joaninhas (predadoras, na maioria) podem ter um papel chave no controle de outras espécies de um pomar. Tendemos a dar mais importância para espécies de maior porte ou mais vistosas. A extinção de uma bela espécie de árvore talvez afete pouco a estrutura da Mata Atlân-

### EQUIPE PRINCIPAL

▼ **Coordenação**  
Thomas M. Lewinsohn  
Metodologia, base de dados e síntese  
Depto. Zoologia, IB, Unicamp

▼ **Consultores principais**  
v Louis Bernard Klaczko  
Diversidade genética  
Depto. Genética, IB, Unicamp

v Gilson P. Manfio  
Diversidade microbiana  
CPQBA (Centro de Pesquisas Química, Biológicas e Agrícolas), Unicamp

v Álvaro Migotto  
Invertebrados marinhos  
Centro de Biologia Marinha, USP

v Carlos Roberto F. Brandão e Eliana Cancellato  
Invertebrados terrestres  
Museu de Zoologia, USP

v Odete Rocha  
Invertebrados e plantas de água doce



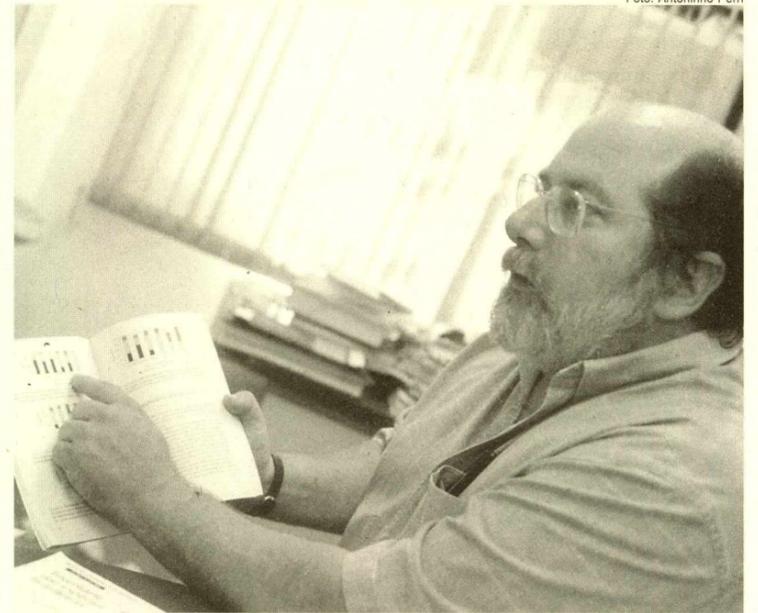
Depto. Ecologia, UF São Carlos  
v José Sabino e Paulo Inácio Prado  
Vertebrados  
Museu de História Natural e Nepam, Unicamp  
v George J. Shepherd  
Plantas vasculares terrestres  
Depto. Botânica, IB, Unicamp

tica, enquanto a perda de um tipo de minhoca pode ser calamitosa”, exemplifica o biólogo.

**Erro histórico** – No Brasil, historicamente, não se deu suficiente importância para a formulação de um programa abrangente que levasse à organização do conhecimento de plantas, animais e microorganismos. Esse conhecimento, segundo o professor, desenvolveu-se por necessidades específicas e por paixão dos naturalistas. Pragas de café motivaram a criação do Instituto Agrônomo de Campinas; doenças humanas e de animais, do Instituto Butantan em São Paulo e do Instituto (hoje Fundação) Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro.

“O Brasil já passou do prazo para definir este programa. Como conservar, onde conservar, em que grupos de organismos investir? Ainda não temos respostas mínimas para perguntas imediatas sobre biodiversidade, sem as quais não poderemos formular uma política ambiental no país”, adverte Thomas Lewinsohn.

Foto: Antoninho Perri



O professor Thomas Lewinsohn: “Livro é um balanço do que já está inventariado”

Antropólogo descobre cinco povos ressurgidos no sertão nordestino

# Índio brasileiro quer (voltar a) ser índio

Foto: Siloé Amorim

O antropólogo e fotógrafo Siloé Soares de Amorim pernoitou, entre 1999 e 2002, em casas de sapé e em redes estendidas no precário. Peregrinou no alto sertão alagoano e baiano, para acompanhar e documentar o ressurgimento de povos indígenas. No levantamento, transformado em tese orientada pelo professor Fernando de Tacca e que acaba de ser defendida no Instituto de Artes da Unicamp, Amorim fez o inventário étnico de cinco povos ressurgidos: Kalankó, Karuazu, Catókin, Koiupanká e Tumbalalá, os quatro primeiros radicados em Alagoas, e o último na Bahia.

O ineditismo do trabalho está ligado ao fato de o fenômeno começar a ser recorrente no cenário indigenista nacional, um território marcado pela falta de diretrizes. Siloé atuou em duas frentes, a antropológica – cuja abordagem já é considerada referência – e a imagética. Na primeira, o rigor científico levou o pesquisador a reconstituir a trajetória secular dos ancestrais dos índios ressurgidos.

**Antropólogo reuniu acervo de três mil fotografias**

Na segunda, reuniu um acervo de três mil fotos e outras 80 horas de gravações em vídeo.

As descobertas, porém, não foram obra do acaso. Em 1987, para obter o título de graduação em antropologia na Escola Nacional de Antropologia e História do México, Siloé fez um trabalho sobre a identidade histórica dos Xucuru-Kariri na cidade alagoana de Palmeira dos Índios, sua terra natal, onde morou até os 12 anos de idade. Conta que, ao perguntar para o pai sobre o destino dos índios do lugar, obteve como resposta: “Sei não, meu filho. Têm uns índios na Fazenda Canto que o povo diz ser índio só para tomar terra”. Siloé decidiu, então, viajar durante seis meses, por sete estados brasileiros, estreitando relações com lideranças indígenas do Nordeste.

Entretanto, só foi encontrar os índios ressurgidos em 1998, ano em que voltou definitivamente para o Brasil para lecionar no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Na verdade, explica o antropólogo, o ressurgimento vem sendo registrado desde os anos 1940, mas o fenômeno pesquisado por ele é bastante peculiar. “Os outros grupos buscavam sua identidade por meio de outros parâmetros. Esses, não. Além de ressurgirem numa seqüência incomum, eles têm uma conduta própria”.

A maioria das populações das tribos, diz Siloé, é constituída por caboclos, gente muito pobre que trabalha na lavoura, na verdade descendentes de índios que tiveram seus aldeamentos extintos a partir da segunda metade do século 19, especialmente no caso de Alagoas. As aldeias passaram a ser terras devolutas, que eram transformadas em vilas ou

Foto: Neldo Cantanti



O antropólogo Siloé Amorim: pesquisa no alto sertão nordestino



Índios ressurgidos dançam o toré durante ritual no interior de Alagoas: três mil pessoas distribuídas em cinco aldeias



Foto: Siloé Amorim

Índio Kalankó, em Água Branca, Alagoas



Foto: Martins Jr.

Criança Catókin, em Pariconha, Alagoas



Foto: Martins Jr.

Índia Catókin confecciona indumentária

redistribuídas. “Eles deixaram de ser índios e passaram a ser pessoas integradas à sociedade. Ao mesmo tempo, eram caboclos sem os direitos de índios e muito menos de cidadãos”, explica.

Siloé observa que o ressurgimento é muito mais que a busca da terra perdida. “A terra é um elemento que aglutina, mas o processo é muito mais complexo e sutil”. Quais seriam então os outros elementos? A procura por uma identidade própria, negada através dos tempos, é uma delas. A outra é a tradição oral, que resistiu apesar da falta de uma memória linear. “Tudo isso foi herdado e transmitido, seja na prática de danças ou na prática de rituais”.

Nesse processo, afirma Siloé, os elementos vívidos vão se conjugando. Não raro, índios – e não-índios – mimetizam práticas e símbolos de outras religiões, entre elas da católica e do candomblé. “Eles recriam uma nova tribo”, testemunha. Os únicos elementos ancestrais comuns registrados nas tribos são o maracá, instrumento musical utilizado em rituais, e o toré, dança que representa todos os povos indígenas do Nordeste. Nos encontros, os integrantes da tribo usam vestimentas – conhecidas como praias – confeccionadas com caruá, fibra típica do sertão ala-

goano. Fazem parte também do resgate étnico o uso do arco-e-flecha e de cocares, e a pintura.

Nesse sentido, o ressurgimento vai acabar com os conceitos de índio acobocladado ou integrado, usados pelo discurso oficial para identificá-los. “Índio hoje é aquele que se auto-reconhece como tal. A Constituição de 1988 garante esse direito”, historia o antropólogo. Entretanto, a busca por uma identidade não tem sido das mais fáceis. Os líderes tribais recorreram ao atalho e buscaram apoio de representantes dos poderes públicos locais. Assim, conta Siloé, angariaram a simpatia da Igreja Católica – cujo apoio é ostensivo – de juizes e de prefeitos.

Pelo menos por ora, a utopia de população – cerca de 3 mil pessoas distribuídas nas cinco aldeias – está se concretizando. Os índios criaram uma espécie de rede de solidariedade, passaram a ser vistos de outra maneira pelos moradores, antes hostis, e vêm recebendo assistência médica, embora ainda não sejam oficialmente reconhecidos pela Funai, órgão incumbido de fazer o levantamento etnográfico. Só a partir daí os povos ressurgidos poderão ter suas aldeias demarcadas

**Contato**

[silo@iar.unicamp.br](mailto:silo@iar.unicamp.br)



Foto: Siloé Amorim



Foto: Siloé Amorim

Toré coletivo no terreiro de dança dos Koiupanká, na cidade alagoana de Inhapi